



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/
LIBRAS/ LÍNGUA INGLESA**

EDILAINE ALMEIDA BITENCOURT

**O APAGAMENTO DO /D/ NO MORFEMA DO GERÚNDIO NA FALA
DOS AMARGOSENSES**

Amargosa/ BA
2019

EDILAINÉ ALMEIDA BITENCOURT

**O APAGAMENTO DO /D/ NO MORFEMA DO GERÚNDIO NA FALA
DOS AMARGOSENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB/ Centro de Formação de Professores- CFP, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ayane Nazarela Santos de Almeida.

Co-Orientadora: Prof^a. Ms. Jailma da Guarda Almeida.



Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o EDILANE ALMEIDA BITENCOURT.

Ao décimo primeiro dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às dezoito horas, na sala seis dos modulares do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se o/a Professor/a **AYANE NAZARELA SANTOS DE ALMEIDA**, na qualidade de orientador/a e Presidente da Banca de TCC, o/a Professor/a **JAILMA DA GUARDA ALMEIDA** na qualidade de coorientadora, o/a Professor/a **AMANDA DOS REIS SILVA** e o/a Professor/a **LISANA RODRIGUES TRINDADE SAMPAIO**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *O apagamento do /d/ no morfema do gerúndio na fala dos amargosenses*, de autoria da/o discente **EDILANE ALMEIDA BITENCOURT**, do Curso de Licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira. Após apresentação pela/o autora/o e considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Professor (a): **AYANE NAZARELA SANTOS DE ALMEIDA**

Assinatura *Ayane Nazarela Santos de Almeida*

Professor (a): **AMANDA DOS REIS SILVA**

Assinatura *Amanda dos Reis Silva*

Professor (a): **LISANA RODRIGUES TRINDADE SAMPAIO**

Assinatura *Lisana Rodrigues Trindade Sampaio*

Professor (a): **JAILMA DA GUARDA ALMEIDA**

Assinatura *Jailma da Guarda Almeida*

A/o discente **EDILANE ALMEIDA BITENCOURT** foi **APROVADA/O**

Amargosa/ BA, 11 de dezembro de 2019

Ayane Nazarela Santos de Almeida
AYANE NAZARELA SANTOS DE ALMEIDA
Presidente da Banca de TCC

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter iluminado meu caminho me dando sabedoria, saúde e ânimo para superar as dificuldades encontradas ao longo desse percurso.

A esta Universidade, seu corpo docente, técnico, direção e administração por me proporcionar essa escalada do saber, pautada numa formação crítica, reflexiva e ética.

A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Ayane Nazarela Santos de Almeida, que foi âncora em momento de deriva. Agradeço pelo seu incentivo, instruções, correções e muito mais por ter a oportunidade de conhecê-la, uma educadora que leva a produção do conhecimento para além de sua profissão.

A minha coorientadora, Prof^a. Ms. Jailma da Guarda Almeida, por sua disponibilidade em partilhar saber. Agradeço pelas orientações, mesmo depois de uma jornada de trabalho extensa, fez vários encontros para passar instruções e correções, sempre de maneira muito solícita.

Ao professor Dr. Gredson Santos, por compartilhar seu conhecimento de forma tão humana e calorosa, despertando-me o interesse pela área de Linguística.

A professora Geisa Borges, por fazer parte do início da minha formação me ensinando a importância da dedicação aos estudos.

Aos professores: Tarcísio Cordeiro, Fernanda Santos, Ângela Vilma, Adielson de Cristo, Mônica Gomes, Jaqueline Lé, Ana Rita Santiago, Valdo Oliveira, Conceição Torres, Emmanulle Félix, por desempenhar papel fundamental na minha formação acadêmica.

A todos meus colegas de letras, pela troca de saber, dentre eles: Raphaela Tamillis Castro, Aniele Palmeira, Marly Silva, Carlos Antunes, Gilmar Nascimento, Erlandson Santos, Simone Porcino, Emerson Santos, Ricardo Neto.

A minha mãe, Maria Terezinha de Almeida, que é minha fonte de inspiração, pelo amor incondicional e por me mostrar desde criança a importância da educação para a vida.

Ao meu esposo, Edson Santana Bitencourt Júnior, pelo companheirismo e amor, estando sempre ao meu lado, me incentivando nos momentos de desânimo, levando-me a perceber que eu era capaz de superar as dificuldades.

A minha sobrinha Marcia Castro, que fez essa caminhada comigo, por sua amizade, e partilha de conhecimento.

E a todos que diretamente ou indiretamente fizeram parte da minha formação, minha sincera gratidão.

BITENCOURT, Edilaine Almeida. **O apagamento do /d/ no morfema do gerúndio na fala dos Amargosenses.** 56 f. il. 2019. Monografia – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa-Ba, 2019.

RESUMO

O presente estudo é fruto da pesquisa sobre o comportamento da oclusiva /d/ no morfema dos gerúndios –ndo na cidade de Amargosa (Ba). Baseado nos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa, foi analisado um *corpus* composto por 12 informantes (6 homens e 6 mulheres), essa amostra faz parte do *Projeto Acervo da Língua Falada na Cidade de Amargosa/ Elísio Medrado*. Para tal foram delimitados os condicionadores linguísticos: *extensão do vocábulo*, *contexto fonético antecedente*, *contexto fonético seguinte* e os condicionadores sociais: *sexo* (f: feminino/ m: masculino), *faixa etária* (faixa I: de 25 à 44 anos/ faixa II: acima de 44 anos) e *escolaridade* (A: com até 5 anos de escolarização/ B: 2º grau completo). Os dados foram analisados pelo Programa Computacional GoldVarb X (2005). Os resultados desse estudo evidenciaram altas taxas do apagamento do /d/ no gerúndio na comunidade de fala. Em relação aos fatores internos, o contexto linguístico antecedente foi o que mais favoreceu o fenômeno. Concernente aos fatores sociais, foram favorecedores ao apagamento, na respectiva ordem: faixa etária, sexo e escolaridade. Sendo que a faixa etária II (a cima de 44 anos) foi a que mais contribuiu para o apagamento. Em relação a variável sexo, os homens utilizaram mais a forma não- padrão. No tocante a escolaridade o grupo A (com até 5 anos de estudos) foi o que mais favoreceu a apagamento do /d/ no morfema do gerúndio.

Palavras-chave: Variação. Sociolinguística. Redução. Gerúndio. Amargosa.

LISTA DE TABELAS

| | | |
|----------|---|----|
| TABELA 1 | Distribuição das variantes no corpus | 44 |
| TABELA 2 | Resultados da variável contexto fonético antecedente em relação ao apagamento do -/d/ nos gerúndios em Amargosa-Ba | 46 |
| TABELA 3 | Resultados da variável faixa etária em relação ao apagamento do -/d/ nos gerúndios em Amargosa-Ba | 47 |
| TABELA 4 | Resultados da variável sexo/gênero em relação ao apagamento do -/d/ nos gerúndios em Amargosa-Ba | 48 |
| TABELA 5 | Resultados da variável escolaridade em relação ao apagamento do -/d/ nos gerúndios em Amargosa-Ba | 49 |
| TABELA 6 | Distribuição das variantes no corpus comparativo entre as rodadas | 50 |
| TABELA 7 | Comparação dos resultados da variável faixa etária em relação ao apagamento do -/d/ nos gerúndios em Amargosa-Ba nas duas rodadas | 51 |
| TABELA 8 | Comparação dos resultados da variável sexo/gênero em relação ao apagamento do -/d/ nos gerúndios em Amargosa-Ba nas duas rodadas | 51 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2 ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM: O SURGIMENTO DA SOCIOLINGUÍSTICA | 12 |
| 2.1 OS PRECURSORES DA SOCIOLINGUÍSTICA: MEILLET E LABOV | 16 |
| 2.2 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA TEORIA DA VARIAÇÃO | 17 |
| 2.3 NOÇÃO DE VARIAÇÃO LINGUISTICA..... | 19 |
| 2.4 TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA..... | 20 |
| 2.5 NÍVEIS EM QUE OCORRE A VARIAÇÃO | 22 |
| 3 O GERÚNDIO: PERSPECTIVA HISTÓRICA..... | 25 |
| 3.1 O GERÚNDIO SEGUNDO A GRAMÁTICA TRADICIONAL | 27 |
| 3.2 O FENÔMENO DE VARIAÇÃO: A REDUÇÃO DO GERÚNDIO..... | 29 |
| 3.3 ESTUDOS SINCRÔNICOS SOBRE A REDUÇÃO DO GERÚNDIO..... | 31 |
| 3.3.1 Estudos sobre a Redução do Gerúndio Baseados nos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) | 35 |
| 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 38 |
| 4.1 A COMUNIDADE DE FALA | 38 |
| 4.2 AMARGOSA (BA): ASPECTOS SÓCIOS- HISTÓRICOS..... | 39 |
| 4.2 O CORPUS | 41 |
| 4.3 O TRATAMENTO QUANTITATIVO..... | 42 |
| 5 O APAGAMENTO DO /D/ NO MORFEMA DO GERÚNDIO NA COMUNIDADE DE AMARGOSA- BA | 44 |
| 5.1 ANÁLISE GERAL DA VARIANTE NO CORPUS..... | 44 |

| | |
|---|-----------|
| 5.2 ANÁLISE DA VARIÁVEL LINGUÍSTICA: CONTEXTO FONOLÓGICO ANTERIOR | 46 |
| 5.3 ANÁLISE DA VARIÁVEIS SOCIAIS: FAIXA ETÁRIA E SEXO | 47 |
| 5. 4 ANÁLISE DA VARIÁVEL SOCIAL: ESCOLARIDADE..... | 49 |
| 5.5 FATORES SELECIONADOS NA SEGUNDA RODADA | 50 |
| 5. 6 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO PROGRAMA | 52 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 53 |
| REFERÊNCIAS..... | 55 |

1 INTRODUÇÃO

A sociedade e linguagem estão desde sempre inter-relacionadas, sendo a variação inerente a ambas, resultado da dinâmica comunicativa que as sustenta. Como reitera Martelotta (2011, p. 19), a linguagem é componente fundamental para vida em sociedade. Dessa maneira se relaciona com a forma como interagimos, refletindo tendências de comportamentos delimitados socialmente. Sendo que cada grupo tem suas peculiaridades, as quais vão se manifestar também na forma de falar de seus integrantes.

A partir da importância dada à fala surge a Sociolinguística, que se preocupa com o fenômeno linguístico em sua abrangência dialetal e variacional, observando como a língua funciona no contexto oral, e quais os fatores que influenciam para que as mudanças linguísticas aconteçam. Sabendo que os “fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1975], p. 126).

Assim, o presente trabalho objetiva fazer uma análise da variação na realização do gerúndio –ndo na fala de moradores de Amargosa-BA, tendo como base os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista.

Essa pesquisa surgiu a partir da necessidade de entender e registrar as variantes da língua oral, especificamente da redução do gerúndio na comunidade de fala amargosense (BA), tendo em vista a carência de estudos nessa temática com falantes dessa região.

Mediante a problemática, levantaram-se o seguinte questionamento: *i) Qual a variante do gerúndio predomina no comportamento linguístico dos falantes amargosenses? E quais contextos linguísticos, aspectos individuais e sociais condicionam o comportamento dos falantes de Amargosa (BA) quanto ao fenômeno de Redução da partícula ndo > no do Gerúndio?*

Objetivando desvendar o problema acima proposto, o presente trabalho levantou as hipóteses subsequentes, que foram concebidas mediante leitura de fontes sobre o tema.

1ª) É possível que a amostra evidencie a preferência dos falantes pela forma não padrão (redução).

2ª) É possível que haja mais ocorrências do fenômeno na fala dos informantes não escolarizados.

3ª) É presumível que os homens empreguem mais a forma não padrão.

4ª) De modo hipotético acredita-se que, no contexto anterior ao morfema do gerúndio, a vogal central baixa /a/ favoreça a simplificação do gerúndio.

5ª) É provável que no contexto seguinte, as consoantes que compartilham as mesmas propriedades fonéticas favoreçam o apagamento *da partícula ndo > no*;

6ª) É provável que quanto maior a extensão da palavra, maior as chances de apagamento.

Esse trabalho objetiva comprovar o emprego da redução da partícula *ndo > no* morfema do Gerúndio no *corpus* da língua falada na cidade de Amargosa, identificando alguns fatores que condicionam esse uso.

Diante disso, têm-se como objetivos específicos: Analisar o contexto antecedente, ao morfema do gerúndio, verificando qual vogal tem maior influência na simplificação do gerúndio; verificar se a extensão do vocábulo favorece o fenômeno; averiguar se a formação inicial da palavra seguinte interfere para realização da variante em estudo; investigar se a variação diagenérica propicia a redução da partícula *ndo > no* do gerúndio; apurar qual faixa etária favorece o fenômeno e averiguar qual grupo de escolaridade beneficia a variação.

Visando alcançar tais objetivos, foi realizado o levantamento quantitativo das ocorrências de redução do gerúndio num *corpus* composto por 12 informantes, o qual foi cedido pelo Professor Dr. Gredson Santos.

O estudo do tema proposto se justifica pela ausência de pesquisas sobre o referido fenômeno na fala dos Amargosenses. O interesse por essa linha de pesquisa surgiu por meio da participação em alguns Componentes Curriculares do curso de Letras, em específico os Componentes de: Língua Portuguesa, Sociolinguística, Fonologia, dentre outros.

Nessa perspectiva, esse estudo visa identificar a variação proposta, analisar e documentar os resultados, ampliando as discussões teóricas, contribuindo assim para a comunidade científica e a população de Amargosa.

É importante salientar que a variante em estudo é um fenômeno Fonético- Fonológico, no qual verifica-se o apagamento da consoante oclusiva alveolar vozeada /d/ nos verbos terminados com a partícula *-ndo*, essa ocorrência é passível em outros contextos porém nessa pesquisa será considerada apenas o gerúndio.

Esse estudo está disposto da seguinte forma:

Primeiro capítulo reflete a evolução dos estudos sobre a linguagem e o surgimento da Sociolinguística, os quais estão dispostos nos seguintes tópicos: *Estudos sobre a Linguagem: o surgimento da Sociolinguística; Os precursores da sociolinguística: Meillet e Labov; Princípios Básicos; Noção de variação Linguística; Tipos de variação Linguística e Níveis que ocorre a variação.*

O segundo capítulo discorre sobre a fundamentação teórica do fenômeno em estudo, o capítulo mencionado está organizado da seguinte forma: *O gerúndio: Perspectiva Histórica; O Fenômeno de variação: A redução do gerúndio; O gerúndio segundo a gramática Tradicional; estudos sincrônicos sobre a redução do gerúndio.*

Já o terceiro capítulo aborda a metodologia empregada para alcançar os resultados dessa pesquisa. Está dividido em três partes: *Cidade, locus da pesquisa, O corpus, tratamento quantitativo.*

Por conseguinte o quarto capítulo demonstra (por meio de gráfico e tabelas) e analisa os dados obtidos através do Programa GoldVarb X. Conta com as seguintes seções: *O apagamento do /d/ no morfema do gerúndio na comunidade de Amargosa- BA; Análise geral da variante no corpus; Análise da variável linguística: contexto fonológico anterior; Análise da variável social: faixa etária; Análise da variável social: gênero/ sexo; Análise da variável social: escolaridade; Fatores selecionados na segunda rodada; Considerações sobre os resultados encontrados.*

Por fim, a Conclusão que traz reflexão sobre os resultados obtidos, bem como relação com outros estudos.

2 ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM: O SURGIMENTO DA SOCIOLINGUÍSTICA

A linguagem humana sempre intrigou-nos, desde os primórdios, tendo como precursores os gregos, depois surgem as escolas filológicas na Alexandria, sendo esses estudos com base na normatização da língua. Os estudos sobre a linguagem passou por muitas transformações (o qual não descreveremos visto ser um processo demasiadamente longo) até ser concebida na Linguística propriamente dita. Propõe-se aqui fazer um recorte da teoria Estruturalista para entendermos o surgimento da Sociolinguística em meados do século XX.

A priori definiremos o que é a Linguística, que segundo John Lyons (2011) é o estudo científico da linguagem.

Sem dúvida um dos grandes nomes da Linguística Moderna é Ferdinand de Saussure, revolucionou essa área do conhecimento com a publicação de sua obra intitulada “Cours de linguistique générale”, em 1916. Essa obra foi resultado de compilação, por alguns de seus alunos, de três cursos que ministrou na Universidade de Genebra nos anos de 1907 a 1911¹. Considerado o inaugurador oficial do Estruturalismo. “Estrutura”, “estrutural”, “estruturalismo”, constituem palavras-chaves no léxico dos pensadores do século XX. [...]. A palavra “estruturalismo” designa algumas correntes da Linguística moderna que tomam impulso após o *Cours de Linguistique Générale* de Saussure (TRNKA, 1972b. 14-15 *apud* LOPES, 2000, p. 38-39).

Apesar dessa terminologia não aparecer em sua obra é consenso entre os linguistas ser Saussure precursor do Estruturalismo como destaca Lyons e Petter:

O termo ‘estrutura’ tem o mesmo destaque na linguística moderna que em outras disciplinas. Se adotarmos o ponto de vista que foi primeiramente, de maneira muito clara, expresso por Saussure e é atualmente aceito por todos os que se identifica com os princípios do **estruturalismo**, diremos que não só o sistema linguístico tem uma estrutura, como também ele é a estrutura (LYONS, 2011, p. 43).

Para o mestre genebrino, "a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma, e por si mesma". Os seguidores dos

¹ 1º curso, de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907, 2º curso, da primeira semana de Novembro de 1908 a 24 de julho de 1909 e 3º curso, de 28 de Outubro de 2010 a 4 de Julho de 1911. Os editores do Cours foram: Charles Bally, Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger- Só tiveram em mãos as anotações de L. Caille, L. Gautier, Paul Regard, Mme. A. Seccheyaye, Gerge Dégallier, Francis Joseph, e as notas de A. Riedlinger. (SALUM, in prefácio 2006)

princípios saussureanos esforçaram-se por explicar a língua por ela própria, examinando as relações que unem os elementos no discurso e buscando determinar o valor funcional desses diferentes tipos de relações. A língua é considerada uma estrutura constituída por uma rede de elementos, em que cada elemento tem um valor funcional determinado. A teoria de análise linguística que desenvolveram, herdeira das ideias de Saussure, foi denominada estruturalismo (PETTER, 2003, p. 10).

Saussure enfatizou a ideia que a língua é um sistema de signos, um conjunto de unidades organizadas dentro de um todo. Nesta perspectiva concebeu a língua como uma entidade homogênea, social e que pode ser dissociada da fala. Confere a essa ideia o fato de ser possível aprender uma língua morta, uma vez que o indivíduo domine aquele sistema e compreenda seu funcionamento. Em oposição à língua, traz a noção de fala como sendo individual, a qual o falante pode modificar de acordo com as particularidades.

“A língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, 2006, p.31). Para melhor entendimento da noção de sistema, Saussure fez analogia da língua com o jogo de xadrez, no qual existem regras próprias, elementos internos e externos. Dessa forma o traslado que o jogo fez até chegar a seu destino diz respeito a algo externo, pois, em nada afeta sua estrutura. Já as peças seriam os internos, mesmo que haja substituição das peças de madeira por peças de marfim, o material não altera em nada estrutura do jogo, mas, se acontece acréscimo ou retirada de peças isso prejudica a essência do xadrez. Essa analogia ratifica a noção de língua como um sistema com suas regras que não pode ser alterada.

Propôs também a divisão do signo linguístico em significado e significante. “O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces...” (Saussure, 2006, p. 80), sendo essas faces; conceito e a imagem acústica, que denominou respectivamente como significado e significante. Partindo dessa ideia, enumerou princípios fundamentais para a natureza do signo linguístico: O principal deles é a arbitrariedade do signo, ou seja, não há relação lógica entre o significado e significante. Por exemplo, não há uma relação biunívoca entre a palavra mesa, e seu conceito.

Ferdinand de Saussure é considerado o pai do Estruturalismo, ele revolucionou a Linguística por realizar o talhe epistemológico e defini com precisão a língua como objeto de estudo da linguística, enquanto ciência moderna, o que até então não tinha sido possível devido à estreita relação com outras ciências. Desse modo esse modelo teórico teve importantes contribuições para a concepção de Linguística enquanto ciência.

Como vimos, a teoria estruturalista considera a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais. Esse sistema homogêneo, conjunto de signos

exterior aos indivíduos, devia ser estudado separado da fala. Para Ferdinand de Saussure (2006), o estudo da fala seria problemático, por envolver todas as possibilidades incutidas nela pelos falantes, inviabilizando sua análise científica, como discorre o próprio Saussure: “Evitando estereis definições de termos, distinguimos primeiramente, no seio do fenômeno total que representa a linguagem, dois fatores: a língua e a fala. A língua é para nós a linguagem menos a fala...” (SAUSSURE, 2006, p. 92).

A abordagem estruturalista e seu princípio de homogeneidade da língua intrigava muitos linguistas. Essa indagação marcava uma nova fase dos estudos Linguísticos como pode ser evidenciado na citação a seguir:

Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua. [...] Pois quanto mais os linguistas têm ficado impressionados com a existência da estrutura da língua, e quanto mais eles têm apoiado essa observação com argumentos dedutivos sobre as vantagens funcionais da estrutura, mas misteriosa tem se tornado a transição de uma língua de um estado para outro. Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda... (WEINREICH, LABOV & HERZOG 1968 (2006), 100-101 apud LABOV, 2008, p. 16).

A partir dessas ideias desponta nos Estados Unidos na década de 1960, a abordagem Sociolinguística tendo como um de seus maiores expoentes William Labov.

Atribui-se à Sociolinguística o estudo das relações entre língua e sociedade. O que segundo Tarallo (2007) seria uma redundância visto que esse modelo teórico-metodológico não admite a existência de uma ciência da linguagem que seja desvinculada do social. Essa ideia já tinha sido enfatizada por Labov (2008, p. 13) “Por vários anos, resisti ao termo *sociolinguística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”.

No tocante ao conceito de Sociolinguística como o estudo entre língua e sociedade tem-se também o estudo de Mollica (2003) que aborda o conceito de Sociolinguística.

Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2003, p. 9).

Segundo Camacho (2008, p. 49) dizer que a sociolinguística é o estudo da relação entre língua e sociedade é correto, porém, ao mesmo tempo é uma afirmação bastante

simplificadora. Propõe algumas áreas de interesse, a saber: Sociologia da Linguagem que seria o estudo dos fatores sociais relacionados à linguagem, como decadência e assimilação de línguas minoritárias, desenvolvimento de bilinguismo em sociedade complexas, planejamento linguísticos em estados emergentes. Outra área é a Etnografia da comunicação que se preocupa em analisar e descrever as formas dos eventos da fala. Outro estudo que abrange a análise da conversação é a área recentemente intitulada Sociolinguística interacional. E por fim, a de maior interesse desse trabalho que é a Sociolinguística Variacionista:

É uma terceira área de interesse, que podemos chamar apropriadamente de Sociolinguística Variacionista, que pretendemos desenvolver aqui: nesse enfoque, o exame da linguagem no contexto social é tão importante para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e Sociedade é encarada como indispensável não mero recurso interdisciplinar. Como a linguagem é, em última análise, um fenômeno social, fica claro, para um sociolinguista, que é necessário recorrer às variações derivadas do contexto social para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico (CAMACHO, 2008, p. 50).

Dessa forma, os estudos linguísticos passam a se interessar não apenas pelo sistema da língua em si, mas também pelo seu uso no meio social se ocupando da pesquisa de possível incidência das forças sociais sobre os estratos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos das línguas. As variações e mudanças são inerentes à língua devendo ser levado em conta nas análises linguísticas.

A Sociolinguística variacionista centra seus estudos na fala, uso de um ponto de vista social e não individual. Sua teoria constitui-se em ferramentas de sistematização e regularidade das variantes linguísticas. Era preciso criar mecanismo que sistematizasse as variações da língua, mesmo sendo seu uso assistemático. Sobre esse aspecto, descreve Mollica (2003, p. 14) “[...] a abordagem da Teoria da Variação instrumentaliza a análise sociolinguística, [...] Esta é a linha adotada, em função de ser considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua em uso numa perspectiva sociolinguística”.

A Sociolinguística variacionista, também ficou conhecida por Sociolinguística quantitativa por operar com números na tabulação dos dados coletados e analisar estatisticamente tais dados.

2.1 OS PRECURSORES DA SOCIOLINGUÍSTICA: MEILLET E LABOV

Antoine Meillet nasceu na França (1866), no ano de 1926, já demonstrava interesse pela variação linguística afirmou que as mudanças na estrutura social acarretavam nas condições que a linguagem se desenvolve. Segundo Labov (2008) Antoine Meillet é aquele que já na década de 1920 pensava explicação a cerca da mudança linguística dentro do contexto social.

Segundo Calvet (2002), Meillet sempre definiu a língua em seu caráter social, e sempre foi apresentado como discípulo de Fernand de Saussure, o que se desfaz com a publicação da obra *Cours de Linguistique Générale*, há um rompimento de Meillet com as ideias de Saussure. Pois diferentemente de Saussure defende ser a língua um fato social.

Sobre as ideias de Meillet serem protótipos da Sociolinguística, Calvet (2002, p. 16) afirma ser “posição muito próxima do que se encontrará mais tarde na obra de Labov.”

Porém o precursor do modelo teórico Sociolinguística foi o estadunidense William Labov nascido em quatro de dezembro de 1927 em Rutherford, uma cidade pequena próxima à Nova Iorque do estado de Nova Jérsei nos Estados Unidos. Labov estudou química inorgânica na Universidade de Harvard, trabalhou como químico industrial por doze anos (1949-1961) antes de se tornar um linguista.

Seus estudos de maiores repercussão são: “sobre mudanças em progresso no inglês da ilha de Martha’s Vineyard (1963) e da cidade de Nova Yorque (1966) posteriormente produziu o texto programático da sociolinguística o *Empirical Foundations for a Theory os Language Change*, escrito entre 1966 e 1968 juntamente com Uriel Weirnreich e Marvin Herzog.” (LUCCHESI, 2004, p. 165, 168). Outras obras importantes desse autor são: Padrões sociolinguísticos (1972) e *Building on Empirical Foundations* (1972).

Em seu trabalho sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, no estado de Massachussets (1963), Labov relacionou fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico dos nativos da ilha, no que se referia à pronúncia de determinados fones do inglês (as vogais dos ditongos [ay] e [au]). Nesse estudo, Labov observou a ocorrência da centralização das vogais dos ditongos. O uso centralizado dos referidos ditongos era uma maneira de resistência aos visitantes e veranistas.

Já o estudo na cidade de Nova York, (1963) Labov descobriu uma característica na pronúncia dos nova-iorquinos. Em certas circunstâncias, ao invés de falar [kar] "car" (carro),

vão falar [ka], sem o "r" final. William Labov constatou que a pronúncia do "r" variava de acordo com a classe social (as classes mais baixas falavam menos "r" e as classes mais altas falavam mais "r"). Concluiu que as classes de mais prestígio – mais dinheiro e mais escolaridade – tendiam a aproximar a sua fala da fala do inglês americano padrão.

Após esses estudos o “pai” da Sociolinguística desenvolve estudos sobre a Língua do Gueto: estudo sobre o vernáculo de adolescentes negros do Harlem (Nova York), essa pesquisa reforça o viés, qualitativo dessa teoria.

Os estudos sobre o pensamento de Labov, enquanto modelo sociolinguístico, tem sido de grande importância para investigar dados sobre língua e fatores sócio-culturais. Dentre esses avanços destaca-se a importância de estudar a língua como objeto de construção social, considerando a singularidade do ser humano, tanto como a língua, o respeito às variações sociais, regionais, geográficas, sem estigmas, conferindo assim a língua como o estudo do discurso enquanto expressão linguística e social no ato da comunicação.

2.2 PRINCÍPIOS BÁSICOS DA TEORIA DA VARIAÇÃO

O pressuposto básico da teoria da variação é a noção de heterogeneidade como já foi citado, a Sociolinguística surgiu pela rejeição à ideia estruturalista de língua como sistema homogêneo. Como afirma Naro (2003, p. 15): “Vale repetir que o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras”.

O objeto de estudo dessa teoria consiste na língua falada, mas não a língua de forma artificial e sim no seu uso real. A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia (CEZÁRIO, 2011, p. 142). Nesse aspecto, Labov contribuiu significativamente por criar uma metodologia que permitiu aos estudiosos, mecanismos para regulação de variáveis, coleta e codificação de dados. O que é reafirmado por BAGNO (2012, p. 40) “um dos postulados básicos da Sociolinguística é o de que a variação não é aleatória, fortuita, caótica-muito pelo contrário, ela é organizada, condicionada por diferentes fatores.” Essa sistematização se dá a partir do vernáculo, que nada mais é do que a língua falada na interação comunicativa, ou seja, a língua em sua realização natural, nas situações cotidianas que não exija linguagem controlada. Sendo assim, o vernáculo constitui o objeto de análise da Sociolinguística.

A vista disso, Labov implementa noções ou pressupostos que são pilares da teoria Sociolinguística Variacionista, os quais são enumerados por Coelho (et al, 2015), a saber:

1) *A língua como sistema heterogêneo*- ao mesmo tempo que possui estrutura é dotada de variabilidade, sendo dessa forma um sistema heterogêneo mas, sendo considerado pela Sociolinguística uma heterogeneidade estruturada. Comportando regras categóricas, regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico. 2) *As formas variantes como portadoras de significado social*- trata do significado social ou valor social das formas variantes podendo conferir a uma variante estigma ou prestígio. 3) *A comunidade como locus do estudo da língua*- é a comunidade de fala, não o indivíduo. 4) *As relações entre variação e mudança*- cada estágio da língua é resultado de mudanças ao longo do tempo embora nem sempre percebemos pois ela não é uniforme nem instantânea. Assim como nem tudo que varia pressupõe mudança, mas, toda mudança resulta de uma variação.

Além dos pressupostos preconizados pela teoria Laboviana, há *Os Problemas Empíricos para Teoria da Mudança*, os quais foram postulados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), são questões que devem ser respondidas em uma pesquisa Sociolinguística, a saber:

1) *Problema de restrição*: busca “investigar o conjunto de mudanças possíveis e de condições possíveis para mudança que pode ocorrer numa estrutura de determinado tipo (LABOV, 2006 [1975], p.36); observando fatores linguísticos e extralinguísticos.

2) *Problema de Transição*: “Entre quaisquer dois estágios observados de uma mudança em progresso, normalmente se tentaria descobrir o estágio interveniente que define a trilha pela qual a estrutura A evolui para a estrutura B” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006[1968], p. 122); esse problema trata de como a mudança linguística opera a partir de um estágio anterior língua mediante gerações diferentes.

3) *Problema de encaixamento*: “o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social”. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1975], p.17); diz respeito como um fenômeno em variação é encaixado na estrutura linguística e social da comunidade.

4) *Problema da avaliação*: como as mudanças podem ser avaliadas em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística e o uso da língua. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006[1968], p. 122). O quarto problema trata da atitude subjetiva e consciente do falante em relação às formas em mudança/ variação. Podendo essa atitude se manifestar de duas formas: avaliação linguística e avaliação social.

5) *Problema de implementação*: “por que as mudanças num aspecto estrutural ocorrem numa língua particular numa dada época, mas não em outras línguas com o mesmo aspecto, ou na

mesma língua em outras épocas”. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006[1968], p. 37). O último problema procura entender como a estrutura de uma comunidade se transforma ao curso do tempo.

Para Tarallo (2007), feita a análise seguindo esse modelo supracitado, o “caos” linguístico desaparecerá e a fala se tornará um sistema estruturado.

Segundo Lara (2010, p. 54), em princípio, não se tem, nos dois maiores trabalhos de Labov (Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística - 1968 e Padrões sociolinguísticos - 1972), preocupação com políticas afirmativas. Segundo ele, as pesquisas labovianas centravam esforços em descobrir quais processos geram variação e mudança. Porém faz uma ressalva com a afirmação de Bagno contida na tradução da obra de Labov: Padrões Sociolinguísticos. “É inegável que a sociolinguística variacionista tem fornecido suporte empírico para o combate às construções ideológicas que se apoiam nas diferenças linguísticas como pretexto para suas políticas de discriminação e de exclusão social”. (LABOV, 2008, p. 9).

A preocupação de Labov com os grupos marginais, que não realiza a língua padrão, é evidenciada no seu artigo *A Lógica do Inglês não Padrão* de 1966, que estuda o inglês falado pelos negros norte-americanos, demonstrando que há regras sistemáticas e organizadas usadas por essa comunidade de fala.

2.3 NOÇÃO DE VARIAÇÃO LINGUISTICA

Embora as diferentes maneiras de falar tenham sido ignoradas por alguns estudiosos da língua no decorrer da história, esse aspecto passa a ser matéria de estudo da sociolinguística que a denomina de variedade linguística.

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de *variedades linguísticas* (ALKMIM, 2003, p. 32).

Esse pensamento é corroborado por Tarallo (2002, p. 8), “variantes Linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável Linguística.” As variantes são divididas em variante padrão e não padrão, a primeira pertence à variedade culta da língua, sendo a

língua de prestígio, já a segunda afasta-se da norma culta sendo muitas vezes considerada estigmatizada.

Nesse aspecto, Bagno (2007, p. 16) discorre que a variação linguística é “[...] voltada para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, não pode desconsiderar os modos de falar dos diferentes grupos sociais, constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares”.

Portanto, torna-se incompreensível a tentativa de uniformização e padronização da língua, uma vez que é ela também produto dessas comunidades, é o retrato da história, da evolução que caracteriza esses grupos sociais e das manifestações político-culturais dos mesmos.

2.4 TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Durante muito tempo a única linguagem “correta” era a que fazia uso das normas prescritas na gramática tradicional. Em decorrência dessa ideia de homogeneidade e a ausência de estudos dos usos da língua criou-se o mito de que a língua era uniforme e qualquer variação consistia em desvio de linguagem. Hoje já é sabido que a língua é influenciada pelos usos sociais que os falantes fazem dela, o que para a Sociolinguística é um fenômeno natural. Dessa forma é inconcebível compreender a língua como homogênea. Como se pode observar nos estudos de Ilari e Basso (2006).

Já se disse várias vezes que o português do Brasil é uma língua uniforme. Sua uniformidade foi afirmada e elogiada por pessoas de diferentes formações- escritores, historiadores e linguistas. Mas a uniformidade do português brasileiro é em grande parte um mito, para o qual contribuíram 1) uma certa forma de nacionalismo; 2) uma visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta; 3) uma certa insensibilidade para a variação, contrapartida do fato de que os falantes se adaptam naturalmente a diferentes contextos de fala (ILARI e BASSO, 2006, p. 151).

A heterogeneidade da língua é um aspecto da sociolinguística, “a associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística incluiu a diferenciação ordenada dos falantes” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006[1968], p. 125).

A variação linguística pode ser classificada das seguintes formas:

Variação diafásica (o adjetivo provém de diá e do grego phásis, expressão, modo de falar) é o uso que cada indivíduo faz de acordo com o nível de monitoramento. Por exemplo, a

pessoa que vai ser submetida a uma entrevista de emprego não faz uso da mesma linguagem que faria em casa com seus familiares.

Já a variação diatópica (provém do grego *diá* = através de; *topos* = lugar) como a própria etimologia da palavra sugere essa variação consiste na comparação das diversas formas de falar de lugares diferentes, podendo abranger cidades, estados, regiões e países. Em termos de ilustração, podemos citar os diferentes falares entre estados, embora um habitante do estado de São Paulo entenda um Baiano e haja comunicação, as diferenças nas formas de falar são explícitas. A exemplo da palavra porta, a qual os falantes do interior do estado de São Paulo realizam o /r/ retroflexo /'poRta/. Já a fala dos Baianos é caracterizada pelo /t/ e /d/, ex: [ˈtʃia], caracterizando o fenômeno de palatalização, é importante ressaltar que esse fenômeno não ocorre em todo o estado, e sim em áreas específicas.

Outro fenômeno, o de variação Diastrática (o adjetivo provém de *dia-* e do latim *stratum*, camada, estrato) se constata ao observar as diferentes classes sociais, o que por consequência relaciona “o falar” da população mais escolarizada da menos escolarizada. Também denominado “português subpadrão” ou “português substandard”, têm-se estudos como (CASTILHO apud BASSO, 2006, p. 175-176) que trazem essas variações nos três níveis; fonético, morfológico e sintático:

Em relação às variações Diatópica e Diastrática ressalta-se que existe certa dificuldade em diferenciá-las, no entanto, segundo Ilari e Basso (2006), à medida que a linguagem é monitorada essas características são evidenciadas.

A Variação diagenérica se verifica na realização linguística dos gêneros diferentes, que vão além do timbre da voz. Estudo feito por Labov em Nova York revelou que as mulheres são mais sensíveis a formas de prestígio que os homens.

Outro tipo de variação é a diamésica “etimologicamente (*dia-* e do grego *mésos* = meio); é associada ao uso de diferentes meios de comunicação”. Temos assim o veículo falado e o escrito, alguns marcadores são próprios da língua falada a exemplo de quando estamos falando ao telefone: alô, eh. Durante muito tempo a escola privilegiou a escrita, pois pensava-se que a escrita era igual à fala, estudos mais recentes como o de Antunes (2003) já demonstram a importância de trabalhar a oralidade. Para compreender esse tipo de variação é importante a noção de gênero textual. Os diferentes gêneros conferem a esses meios de comunicações características próprias, sendo assim temos a linguagem: jornalística, científica, das redes sociais e etc.

Dessa forma, concluiu-se que os vários tipos de variações não são excludentes, convivem entre si, são importantes para garantir a sistematicidade dos estudos sociolinguísticos.

2. 5 NÍVEIS EM QUE OCORRE A VARIAÇÃO

Uma vez que já abordamos os tipos de variação e a variedade de realizações possíveis na língua, agora atentaremos sobre seus níveis. Segundo Bagno (2012), a variação ocorre em todos os níveis da língua, pensamento que é corroborado por Faraco (2007):

Qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. A classificação geral das mudanças é feita utilizando-se os diferentes níveis comuns no trabalho de análise linguística. Assim, na história de uma língua, pode haver mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, pragmáticas (FARACO, 2007, p. 34-35).

Cabe destacar ainda que a variação, além de acontecer de forma organizada, é regulada por fatores linguísticos (internos) e extralinguísticos (externos). Em relação aos níveis de dimensão interna, de acordo com Coelho et al (2015) tem-se:

i) Variação Fonológica

Está relacionada com as diferenças na pronúncia de sons de uma língua. Por exemplo: mio (por milho); paia (por ‘palha’); muié (por ‘mulher’); foia (por ‘folha’); trabaio (por ‘trabalho’). Esse fenômeno chamado de despalatalização não é o único exemplo de variação fonológica verificado no PB, existem vários como: Síncope: supressão de um segmento sonoro no interior da palavra. Há uma tendência de as proparoxítonas se igualarem às paroxítonas, que são muito mais recorrentes na língua portuguesa. Como exemplos, temos casos como fosfro (por ‘fósforo’), abobra (por ‘abóbora’), arve (por ‘árvore’), figo (por ‘figado’) etc.; Monotongação: transformação ou redução de um ditongo em uma vogal. Podemos ter como ropa (por ‘roupa’), cenora (por ‘cenoura’) manteiga (por ‘manteiga’), bejo (por ‘beijo’), brasileiro (por ‘brasileiro’) caxa (por ‘caixa’) e etc.; Rotacismo: troca da consoante [l] pela consoante [r], como ocorre em pranta (por ‘planta’), probrema (por ‘problema’), bicireta (por ‘bicicleta’) etc. Embora seja um fenômeno estigmatizado, é bastante frequente no português falado atualmente no Brasil; epêntese vocálica: emissão de uma vogal entre consoantes. É encontrada em obter (‘obter’), pinéu ou peneu (por ‘pneu’), advogado ou adevogado (por ‘advogado’).

ii) Variação Morfológica

Quando existe variação no morfema da palavra, entendendo morfema como unidade mínima de significado, porém, o significado permanece inalterado. Por exemplo, eles anda (por eles ‘andam’), eles vendi (por eles ‘vendem’), a não realização do m representa uma alteração morfológica.

iii) Variação morfológica

Quando a variação está no âmbito do fonema e do morfema, é encontrada em anda (‘andar’), vende por (‘vender’), parti por (‘partir’).

iv) Variação Sintática

Refere-se às diferentes formas de organizar as frases, as orações, disposição dos elementos para formar o discurso. Um texto pode ser enunciado de diversas formas sem perder sua ideia principal. Como podemos observar: a) Eu a vi no restaurante; b) Eu vi-a no restaurante; c) Eu vi ela no restaurante. Segundo Basso e Ilari (2006, p. 176) o nível de variação sintática pode aparecer nos seguintes contextos: 1) Uso de uma única marca de plural nos sintagmas nominais complexos e ausência de marca de concordância na 3ª pessoa do plural do verbo, particularmente com sujeito posposto (os doces mais bonito são/ é para as visita.); 2) Negação redundante com indefinidos negativos (ninguém não sabia); 3) Aparecimento de um segundo advérbio de negação depois do verbo e eventual queda do advérbio de negação anteposto: não vem não ou vem não; 4) A oração relativa adota as construções conhecidas como cortadora ou copiadora: a casa que eu morei ou a casa que eu morei nela (em vez da construção padrão a casa em que morei); 5) Uso de pronomes do caso reto na posição de objeto: eu vi ele, a mulher xingou eu.

v) Variação morfossintática

Esse fenômeno dá quando a variação está tanto no campo morfológico como sintático, tendo como referência ‘tu anda’ e ‘eles andam’ é dada uma relação entre pronome e verbo, é o pronome que carrega o significado de pessoa do verbo.

vi) Variação Lexical

Essa variação diz respeito às palavras que possuem o mesmo significado. A exemplo de palavras como: 1) aipim, macaxeira e mandioca; 2) guri, garoto, menino. No primeiro exemplo, três variantes para fazer referência à única raiz. No segundo, temos também três variantes para significar criança do sexo masculino. Esse nível de variação se correlaciona com o tipo Diatópico, pois cada realização dessas verifica-se em regiões diferentes. A variação lexical também pode estar relacionada com o nível de monitoramento (tipo diafásica), a saber, palavras como: mijó, xixi e urina, um falante pode fazer uso das três variantes dependendo do meio de interação no qual se encontra no momento.

vii) Variação discursiva

São fenômenos variáveis na dimensão textual/ discursiva. Podendo ser notado em palavras que cadeiam trechos discursivos, desempenhando papel de conectores ('e', 'mas', 'porque', marcadores do discurso ('quer dizer', 'digamos assim')). Há ainda expressões como ('mas bah', 'pô', 'orra meu') que são chamados por algumas gramáticas normativas como vícios de linguagem.

Dessa forma conclui-se que há existência de variações na língua (PB), mas infelizmente há pessoas que ignoram esse fato, por desconhecer o funcionamento da língua ou por preconizar uma língua homogênea, na qual só as camadas mais altas da sociedade têm direito de possuir. O que é corroborado na afirmação seguinte.

Portanto, variação, quer gostemos disso, quer não. Mas há muita gente para quem esse fato é um problema: essas pessoas se sensibilizam com a variação diastrática e tendem a achar que falar uma variedade diferente da padrão é um problema sério para a sociedade e quem o faz, talvez um vício, talvez um crime, talvez uma manifestação de inferioridade. [...]. Sempre que isso acontece, a língua torna-se um veículo de preconceitos e exclusões, uma função na qual, infelizmente, pode ser eficaz (ILARI e BASSO, 2006, 195).

Nesse contexto, esse estudo espera contribuir de alguma forma para que as pessoas possam ser respeitadas no seu direito a voz/fala não importando a qual variedade se encaixe essa realização e que a variedade culta não seja um produto destinado apenas às pessoas de classe alta.

3 O GERÚNDIO: PERSPECTIVA HISTÓRICA

Para entender a configuração atual do fenômeno de redução do gerúndio, faz-se necessário descrever (de forma sucinta, visto a abrangência do tema) a perspectiva histórica do emprego do gerúndio, ou seja, conhecer o passado para elucidar o presente. Para isso, tem-se como referência os estudos de Simões (2007); Campos (1972); Amaral (1920) e Celso Cunha (1986).

O gerúndio é uma forma verbal oriunda do latim. De acordo com Simões (2007), o latim clássico possuía cinco formas nominais do verbo: gerundivo, infinitivo, gerúndio, participípio e supino. As quais poderiam desempenhar função de nomes, adjetivos ou advérbios.

Segundo o autor, acima citado, na passagem do latim para as línguas românicas o gerúndio era muito utilizado nos textos de norma culta. Provavelmente no século XV as línguas românicas começaram a se afastar da base latina, pois cada língua foi criando sua própria identidade de acordo com eventos transcorridos em cada território.

Porém, com a relatinização das línguas românicas e a ascensão do latim por meio das artes, ocorre um processo inverso, de busca pela língua latina, a qual tinha ocorrido afastamento em busca de independência cultural.

Ainda de acordo com o autor, o gerúndio por ser um nome era flexionado nos quatro casos oblíquos: genitivo, dativo, acusativo e ablativo. Como exemplo, cita as construções abaixo:

| | | | |
|------------------|--------------------------|---|------------------------------------|
| Genitivo: | Tempus studendi | = | o tempo de estudar |
| | Cupidus studendi | = | desejoso de estudar |
| Dativo: | Do operam studendo | = | atendo a estudar |
| | Aptus studendo | = | apto para estudar |
| Acusativo: | Cupio studere | = | desejo estudar |
| | Eo ad studendum | = | vou estudar |
| Ablativo: | Discitur studendo | = | aprende-se estudando |
| | Exercetur in venando | = | ele exercita-se caçando, em caçar. |

(SIMÕES, 2017, p. 27)

Conforme a realidade explicitada acima, o pesquisador afirma que o gerúndio usado no Português atual é originário principalmente do gerúndio ablativo.

Campos (1972) descreve: “de todos esses casos do gerúndio e do gerundivo que constituíam a flexão do infinitivo, conservou-se nas línguas românicas apenas o ablativo do

gerúndio” (CAMPOS, 1972, p. 385). Ainda segundo ela, essa forma talvez tenha sido usada no latim vulgar, porém é impreciso comprovar por não haver muitos escritos da época, fazendo uso do ablativo do gerúndio.

Campos (1972) explica que essa forma do gerúndio foi utilizada desde o período arcaico do latim, pois, era empregada com mais frequência que as outras formas. O gerúndio ablativo frequentemente indicava o meio ou com que se realizava a ação. Podendo ocasionalmente exprimir causa, modo ou tempo.

A autora pondera que os textos antigos mostram que era possível usar o gerúndio como as funções do particípio presente, e que provavelmente essa era a construção falada (pelo povo) na época. Tendo em vista que só o gerúndio subsistiu na língua romana, ele se flexibilizou em cinco tipos: 1) circunstancial; 2) adjetivo; 3) coordenado; 4) equivalendo a um verbo num modo finito e 5) perífrases com o gerúndio.

Assim, essa pesquisadora conclui que o gerúndio sofreu uma expansão em todos os sentidos. Algumas construções que não eram comuns no latim clássico, como as perífrases com verbos auxiliares, que segundo a autora foi favorecido pela perda do particípio presente nas línguas românicas.

Ainda de acordo com o estudo de Campos (1972), as línguas que mais desenvolveram o gerúndio (perífrase) foi o português, italiano e espanhol.

Com o passar do tempo, o uso do gerúndio sofreu um declínio, país como Portugal passou a preferir construções no infinitivo (a + infinitivo / ex: estou a cantar). Conferindo ao gerúndio uma forma pouco estilística sendo caracterizado quase como um desvio da norma.

Amaral (1920) afirma que no Português de Portugal, os falantes preferem construções com o infinitivo. Ao contrário do português do Brasil (PB), que tem-se um emprego categórico do gerúndio. O autor explica que essa particularidade no PB se deve a grande mestiçagem da população, a qual se viu obrigada a aprender o funcionamento da língua portuguesa.

No que concernem às particularidades entre essas variações do português, Cunha (1986) em seu artigo *Conservação e Inovação no Português do Brasil* explica que esse idioma só passa a ser difundido no Brasil, de forma precária, em 1532, com as Capitânicas Hereditárias.

O autor reflete que no período de gestação do idioma no país, século XVI, XVII, vieram para o Brasil pessoas de diferentes regiões de Portugal, sendo os imigrantes do Norte de Portugal, os que empregavam a língua com caráter conservador, enquanto os provenientes do Sul, inovador. O que causou ao idioma evoluções paralelas ou distintas.

Cunha (1986) pondera que o Brasil teve um ambiente propício à variável conservadora da língua, levando em consideração a falta de equipamentos culturais, escolas, imprensa e etc. Só na segunda metade do século XIX, que há a disseminação dos meios de comunicação, crescimento das cidades, criação de centros culturais, dentre outros.

O linguista analisa que, apesar da evolução da língua (oral, culta e escrita), há traços no idioma que remete aos empregados em Portugal no século XVI ou XVII. Sobre o gerúndio, o autor afirma que em Portugal desde o século XVIII vem sendo substituída pelo infinitivo precedido da vogal a.

Sobre emprego dessa construção no PB, Marroquim (1934, p. 210) reitera que: “Em todas as classes é geral o emprego do gerúndio, em vez de infinito regido de a: é sintaxe comum a todo o país”.

Essas diferenças entre o Português do Brasil e o de Portugal é também corroborado por Teyssier (1982, p. 69): “O giro estar + gerúndio, que em Portugal cada vez mais se acantona na língua escrita (salvo em certas regiões), e que nos registros mais freqüentes da língua falada vem substituído por estar a + infinitivo, é, no Brasil, geral em todos os registros [...]”.

Traçado o percurso histórico da evolução da forma em estudo, (é importante salientar que foi feito um recorte visto à amplitude do tema), doravante será realizado um estudo sobre o gerúndio pela gramática tradicional no Português Brasileiro (PB).

3.1 O GERÚNDIO SEGUNDO A GRAMÁTICA TRADICIONAL

Segundo Cunha e Cintra (2013) o gerúndio é uma forma nominal do verbo e, é invariável por não exprimir tempo nem modo. De acordo com Campos (1972) o gerúndio é uma forma proveniente do latim clássico. Sua característica principal é o morfema *-ndo* no final dos verbos, conforme Bechara (2009) o gerúndio é composto da seguinte forma: radical dos verbos + vogal temática + morfema *-ndo*, podendo ser simples ou composto.

A forma citada é utilizada para exprimir modo ou integrada em conjugação perifrástica.

Exemplo do emprego do gerúndio em expressão de modo:

1) Lá foram elas, falando e rindo.

Já a conjugação perifrástica é formada pelo uso de um verbo auxiliar mais o verbo no gerúndio, é utilizado para expressar uma ação que se prolonga no tempo. Os verbos auxiliares

usados para compor o gerúndio são; estar, andar, ir e vir. A construção perifrástica também ocorre com o verbo no infinito, seu equivalente funcional, - Estou a cantar música clássica - o que não é comum no Português Brasileiro (PB)

A exemplo dessa conjugação no PB:

2) João está lavando o carro hoje.

Muitos linguistas e gramáticos têm descrito sobre o gerúndio em seus estudos. Para Camara Jr. (2011), em *Estrutura da língua portuguesa*, o gerúndio é um processo inconcluso, é “[...] morfologicamente uma forma verbal. Mesmo como determinante de um substantivo (para indicar um processo que nele se passa, não concorda com ele nem em número nem em gênero)” (CAMARA JR, 2011, p. 103).

Essa concepção é corroborada por Cunha e Cintra (2013, p. 482) os quais afirmam que o gerúndio é uma das formas nominais do verbo. Essas formas “caracterizam-se por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem”.

Ainda segundo Cunha e Cintra (2013), o gerúndio apresenta duas formas, a saber: uma simples (*lendo*) e outra composta (*havendo lido*). A primeira serve para indicar uma ação incompleta enquanto que a segunda representa uma ação concluída.

Em consonância com as ideias expostas, sobre a forma do gerúndio, Cegalla (2008, p. 195) afirma que “existem as **formas nominais** do verbo, que enunciam simplesmente um fato, de maneira vaga, imprecisa, impessoal. São formas nominais do verbo: o **gerúndio** [...]”.

Bechara (2009) também compartilha do mesmo entendimento quando constata que o gerúndio é uma forma nominal por desempenhar função de nome podendo assumir função de advérbio ou adjetivo. Segundo o autor, essa função pode ser ilustrada da seguinte forma: “*amanhecendo, sairemos* = logo pela manhã sairemos; *água fervendo* = água fervente” (BECHARA, 2009, p. 266).

Em suma, o gerúndio é tratado de forma sucinta pelas gramáticas tradicionais, as quais também não refletem sobre a possível variação da redução, deixando de lado a diversidade dialetal da nossa língua.

3.2 O FENÔMENO DE VARIAÇÃO: A REDUÇÃO DO GERÚNDIO

Partimos do pressuposto de que as línguas constituem uma realidade dinâmica, e que estão em constantes variações. Dessa forma, compreendemos a língua como um organismo vivo que acompanha as manifestações humanas. O que é corroborado em Faraco (2005, p. 14): “[...] as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo”.

Em decorrência desse dinamismo da língua, surge a variedade linguística. A qual se desdobra em diversas variantes: padrão; não padrão; inovadoras; conservadoras; estigmatizadas; de prestígio. Segundo Tarallo (2011), a variante padrão é ao mesmo tempo conservadora e a que detêm prestígio na sociedade, geralmente é norma utilizada pelas classes mais altas da população.

Assim, fica evidente que a língua é usada, muitas vezes, como instrumento de poder. Mas, os linguistas e sociolinguistas interessam-se em estudar a diversidade de variedades, sem emitir juízo de valor, a fim de perceber os diversos processos e mudanças que ocorrem na língua. Sobre a importância das variedades, Travalia (2009, p. 63) afirma que:

A norma (culta, da classe de prestígio) constitui o português correto; tudo o que foge à norma representa um erro. Isso representa um preconceito porque, na verdade, não há português certo ou errado: todas as variedades são igualmente eficazes em termos comunicacionais nas situações em que são de uso esperado e apropriado. O que há na verdade são modalidades de prestígio e modalidades desprestigiadas em função do grupo social que as utiliza.

Portanto, é preciso refletir sobre as variantes não padrão, que muitas vezes são estigmatizadas, entender que seu uso pode mudar socialmente com o tempo, ou conviver alternadamente a depender do contexto. Isto posto, o fenômeno que se propõe estudar nessa pesquisa é classificado como norma não padrão.

O apagamento do morfema /d/ no gerúndio é um fenômeno fonológico notório na realização dos falantes de Língua Portuguesa no Brasil. Entendendo por processo fonológico “um evento que cause algum tipo de alternância na seqüência sonora de uma determinada língua. Tal alteração é determinada por um contexto específico e determina que, quando as condições previstas forem encontradas, o processo [...] e a alteração se aplicará” (CRISTÓFARO, 1994, p. 62).

Faz-se necessário ressaltar que a redução do gerúndio não é uma tendência específica do Português e foi descrita por Labov (2008, p. 221): “É comum que uma língua tenha diversas maneiras de dizer ‘a mesma’ coisa [...] outras têm duas pronúncias, como cantando e cantano”.

Segundo Bagno (2006, p. 76), a redução do gerúndio é “uma tendência muito viva na língua portuguesa. Até mesmo os falantes escolarizados em situação informal e ambiente descontraído, ou numa fala mais acelerada, costumam pronunciar os verbos no gerúndio com a terminação -no no lugar da terminação -ndo”.

Ainda de acordo com o autor supracitado, esse fenômeno ocorre por ser as consoantes /t/ e /d/ pertencentes à mesma família; as dentais. Logo, como são produzidas no mesmo ponto de articulação, sofrem o processo de assimilação. O autor exemplifica utilizando o verbo *falando* que ao sofrer a assimilação se transforma em *falanno* com *n* duplo, em seguida é simplificado para *falano*.

Cristóforo (1996) afirma que a redução do gerúndio é um processo análogo a *quebra de encontros consonantais heterossilábicos*, na qual é marcado pela queda da segunda consoante da sequência.

A variação “entre as formas comendo/ ~~comendo~~ [...] se dá pela interpretação fonológica da sequência /Ndo/. Quando temos /falãnu/ a consoante nasal cumpre o seu papel de nasalizar a vogal precedente, mas a consoante nasal irá também ocupar a posição de consoante inicial da sílaba final”. (CRISTÓFARO, 1996, p. 66)

A autora reitera que esse fenômeno restringe-se ao gerúndio, ilustrando da seguinte forma:

a. *Eu estou (vend~~o~~) você.*

b. *Eu (*vend~~o~~) livros* (p. 66)

Na construção *a* tem-se o gerúndio que é passível de apagamento, já o exemplo *b* ilustra que não é possível a eliminação da oclusiva.

Mollica e Mattos (1992) reiteram que o processo de assimilação fonológica da dental sonora /-ndo/ é um fenômeno estável no Português Moderno, afirmam que a variação não acontece de forma uniforme no léxico da língua, pois, não afeta todas as categorias gramaticais.

Segundo Borges (2008) a simplificação do gerúndio é uma variação que não possui caráter estigmatizante podendo acontecer tanto nas classes sociais mais baixas quanto mais altas. Para além disso, Mota e Souza (2004) ratificam que os falantes dessa variante não

padrão (redução do gerúndio) têm certa consciência de seu uso destinando-a para ocasiões menos formais e, preferindo usar a norma padrão nos ambientes formais.

3.3 ESTUDOS SINCRÔNICOS SOBRE A REDUÇÃO DO GERÚNDIO

O fenômeno de variação em questão já dispõe de uma quantidade considerada de estudos, sejam, por meio de artigos, monografias, teses, dissertações, dentre outros. Dessa forma, foram selecionadas as pesquisas de: Mollica e Mattos (1992); Ferreira (2010); Nascimento, Araújo e Carvalho (2013); Miranda (2013); Almeida e Oliveira (2017); Borges (2008); Araújo e Aragão (2016) e Mota e Souza (2004).

Mollica e Mattos (1992) analisam o processo de apagamento da dental sonora na fala carioca. Para isso, utilizaram a Abordagem Multivariacional, a qual segundo as autoras permite correlação entre fatores intralinguísticos e extralinguísticos, concomitante com a Abordagem Difusionista, que leva em consideração os itens individualmente.

Para a constituição do *corpus* foram utilizados dados de 64 informantes não universitários do município do Rio de Janeiro pertencentes à Amostra Censo. Foram ouvidas 32 horas de fala, totalizando 4235 dados.

É importante salientar que as pesquisadoras não se basearam nos critérios do cânone tradicional para analisar os dados, misturaram algumas categorias como: verbos (gerúndio verbais, gerúndios fáticos e presente do indicativo), substantivo comum; substantivo próprio e outros.

Os resultados do estudo em questão em relação ao item lexical evidenciaram a maior incidência do apagamento da oclusiva /d/ no gerúndio. Já a variável Seguimento Seguinte Fonológico demonstrou que a consoante d tende a ser preservada quando ocorre pausa no contexto seguinte, pois, não há fonema próximo para ser assimilado, enquanto tende a ser preservado em qualquer outro ambiente fonológico.

No que diz respeito à extensão do vocábulo, foi comprovado que quanto mais extenso, maiores são as chances de que /d/ seja assimilado, no caso do gerúndio.

Diante das investigações realizadas por esse estudo, verificaram-se os efeitos dos parâmetros estruturais e lexicais para o fenômeno em questão.

Ferreira (2010) apresenta uma dissertação intitulada *O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto (SP)*. Nesse, a autora pesquisa o comportamento do morfema do gerúndio /ndo/ na fala, o qual pode ser realizado como /no/.

O referido estudo investiga em que medida fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos) condiciona o fenômeno analisado.

A Abordagem utilizada foi a morfofonológica baseada nas seguintes Teorias: Fonética Acústica, Fonologia Lexical e Teoria da Variação e Mudança Linguística. Tendo como hipótese que os fatores sociolinguísticos condicionam o comportamento variável das formas [ndo] ~ [no] quando essas indicam gerúndio.

Para a constituição do *corpus* da pesquisa foram utilizadas 76 entrevistas, extraídas do Banco de Dados Iboruna. Na amostra foram selecionados alguns fatores dos informantes como: sexo (masculino, feminino), faixa etária (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos), escolaridade (1º EF, 2º EF, EM e ES) e renda familiar. Além dos elementos extralinguísticos a autora também pesquisou a aplicação do processo de apagamento do /d/ em fatores sintáticos.

Foi desenvolvido também um estudo acústico, o qual não será abordado por não fazer relação com o estudo proposto neste trabalho.

Os resultados do estudo em questão evidenciaram que a comunidade estudada (riopretense) utiliza mais a forma não padrão (72%), com o apagamento do /d/, que a forma padrão.

Em relação ao fator de escolaridade a pesquisa demonstrou que o grupo com menor escolarização (1º ciclo do E. Fundamental) foi o que mais realizou o apagamento da consoante /d/. No que diz respeito ao grupo sexo/ gênero essa variação foi mais proeminente na fala masculina. Referente à faixa etária foi confirmado que os informantes mais jovens demonstraram comportamento mais favorável à aplicação da redução do gerúndio.

Diante da análise dos dados, Ferreira (2010) conclui que a Redução do Gerúndio pode ser considerada como uma variante inovadora e, sua estratificação na comunidade de fala aponta para uma mudança em tempo aparente.

Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) investigam a realização do morfema /ndo/ em verbos do Português Brasileiro (PB), na cidade de Fortaleza, Ceará, embasados na Sociolinguística Variacionista.

Na pesquisa, os autores analisaram três variáveis linguísticas e três sociais. Para tal, buscaram responder as seguintes perguntas: 1) Quais os segmentos que, em *contexto fonético anterior* ao grupo /ndo/, favorecem o apagamento da oclusiva? 2) A *extensão do item lexical* portador do morfema /ndo/ favorece o fenômeno? 3) Quais os segmentos que, em *contexto fonético subsequente* ao grupo /ndo/, beneficiam a regra em estudo? i) Qual *nível de escolaridade* colabora com o apagamento da oclusiva? ii) Qual *faixa etária* mais favorece o

apagamento na regra analisada? iii) Qual gênero/sexo investigado prestigia o fenômeno em estudo?

O *corpus* utilizado foi do projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Sendo a amostra composta por 24 informantes, estratificados em: dois níveis de escolaridade (de 0 a 4 anos de estudo e de 9 a 11 anos); três faixas etárias distintas (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e a partir do 50 anos) e dois gêneros (masculino e feminino).

No que se refere aos resultados, foram obtidos: 477 dados e, destes, 74,8% favoreceram o apagamento do *-d/* nos gerúndios. Em relação às variáveis foram evidenciados: a menor escolaridade (0 a 4 anos) favorece o apagamento; a faixa etária de 26 a 49 anos é a que mais contribui para o favorecimento do apagamento (87% / P.R = 0.71); o gênero feminino se mostrou mais sensível ao apagamento da oclusiva do que o gênero masculino (81% / P.R = 0.57); dos contextos subsequentes o mais relevante para o apagamento foi a consonante africada */dʒ/* (94% / P.R = 0.87);

Miranda (2013) em sua pesquisa *O apagamento da dental vozeada oral /d/ nas formas em gerúndio na comunidade de fala de Jacobina-BA: análise variacionista*, analisa como fatores linguísticos (de natureza interna) e extralinguísticos (externo) condicionam esse fenômeno.

Para fundamentar seu estudo a autora utilizou os pressupostos da Sociolinguística Laboviana. Na composição do *corpus* foram selecionados dez informantes que a partir da fala espontânea extraída através de narrativa de experiências compuseram a amostra. Sendo consideradas variáveis extralinguísticas como: gênero, faixa etária e grau de escolaridade.

Quanto aos resultados, verificou-se que dos 94 informantes 66 privilegiaram o uso do apagamento de */d/* no gerúndio em detrimento de sua manutenção (28). Demonstrando um número expressivo da redução do gerúndio nessa comunidade de fala.

Sobre as variáveis constatou-se que: na faixa etária, quanto maior a idade menos faz uso do apagamento; em relação à escolaridade, os dados mostraram que quanto menos anos de escolarização mais favorece o fenômeno, porém a diferença não é tão expressiva indicando que em todos os níveis ocorreu o apagamento - Ensino fundamental II (34); Ensino médio (32); Ensino superior (28). No que diz respeito a gênero, a monografia reforça os resultados dos estudos já citados; os homens apagam mais o */d/* do morfema no gerúndio que as mulheres.

A pesquisa de Miranda (2013) é relevante para o estudo proposto por abordar o comportamento desse fenômeno de apagamento do */d/* no morfema do gerúndio no interior da

Bahia, visto que, não foram encontradas muitas pesquisas do tema no interior do estado citado.

Outro estudo desenvolvido no interior da Bahia é o de Costa (2008), o qual investiga a simplificação da partícula *ndo* > *no* do gerúndio na fala de estudantes da 4ª série de duas escolas, uma particular e outra pública, na cidade de Catu (BA). Para tal utilizou os princípios da Sociolinguística Laboviana.

A amostra do *corpus* foi composta por 08 estudantes, divididos em dois grupos: grupo A 04 discentes do último ano do ensino fundamental I de uma escola pública e grupo B 04 alunos da mesma série/ ano de uma escola particular. Desses, 04 eram do sexo feminino e 04 do masculino.

Na metodologia foram utilizadas entrevistas sociolinguísticas, a qual consiste na coleta de narrativas pessoais, a fim de coletar a língua em uso.

Para a coleta de dados, a autora empregou três estratégias, a saber: a primeira foi a gravação de aproximadamente 04 horas de entrevistas de cada informante; a segunda aplicação do jogo da memória, em que os alunos deveriam falar as ações praticadas pelos personagens; a terceira estratégia consistiu na leitura de um texto que continha palavras no gerúndio.

Em virtude dos dados analisados, foi evidenciado o uso quase absoluto da simplificação do gerúndio, chegando a 100% na fala dos alunos de escola pública e, 91,8% na fala dos discentes da instituição privada. Comprovando assim o predomínio pelo uso da forma não padrão do gerúndio independente da classe social.

Ao observar a ocorrência da redução do gerúndio frente aos fatores extralinguísticos a autora constatou que o fator gênero/sexo não se mostrou relevante no favorecimento da variável.

Em virtude dos dados analisados, Costa (2008) concluiu que a amostra realizou quase de forma categórica a redução do gerúndio e, que essa variação aparenta não apresentar caráter estigmatizante.

Almeida e Oliveira (2017) analisaram o processo de apagamento de /d/ em gerúndios dos falantes de Maceió (AL). O estudo foi embasado no arcabouço teórico metodológico da Sociolinguística Variacionista e teve como objetivo identificar quais fatores condicionam a variação citada.

Essa pesquisa utilizou dados do Projeto Variação Linguística no Português Alagoano (PORTAL). Tendo o *corpus* composto pela fala espontânea de 30 informantes (15 homens e

15 mulheres) divididos em três faixas etárias, a saber: de 18 a 30 anos; de 40 a 55 anos e acima de 65 anos.

As variáveis sociais selecionadas pelos autores foram: *gênero* e *faixa etária*. Enquanto que as variáveis linguísticas analisadas compreenderam: a *extensão do vocábulo*, a *conjugação verbal* e o *contexto fonético-fonológico seguinte*.

Em vista dos resultados, Almeida e Oliveira (2017) concluíram que: das 502 ocorrências, 42% refere-se ao apagamento do /d/, ao passo que 58% à manutenção do morfema do gerúndio -ndo. Quanto à variável gênero o trabalho reforça os dados obtidos por outros pesquisadores, os homens favorecem o apagamento com 52% enquanto que as mulheres 30,4%.

No que concernem às variáveis linguísticas os dados demonstraram que: quanto mais extenso o vocábulo maior a realização do apagamento (29,6% dissílabos; 39,5% trissílabos e 51,4% polissílabos). Já em relação à variável contexto seguinte foi comprovado que a *haplologia* (consoantes seguintes que compartilham propriedades fonéticas com a consoante /d/ no gerúndio) tende a favorecer a variação pesquisada.

3.3.1 Estudos sobre a Redução do Gerúndio baseados nos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

Para compreensão mais global (em relação geográfica) da variação abordada, há estudos por regiões baseados nos dados do Atlas Linguístico do Brasil.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) desenvolve pesquisa dialetológica em âmbito nacional. Esse Projeto surgiu em 1996 no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Embora, segundo Cardoso e Mota (2012), a proposta da criação de um Atlas Linguístico do Brasil seja muito anterior, remonta a 1952, quando o Governo brasileiro estabeleceu, através do Decreto 30.643 de 20 de março, a Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa para essa finalidade.

A proposta da elaboração do Atlas Linguístico por regiões do Brasil foi apresentada no *II Colloquium de estudos luso-brasileiros* em 1957, por Silva Neto e Celso Cunha, os quais representavam filólogos e linguistas da época.

A Geolinguística (cartografia dos fatos da língua) é inaugurada no Brasil em 1963 com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baiano* organizado por Nelson Rossi, o qual norteou a criação de Atlas Linguísticos de outras localidades.

Esse projeto se constitui de fundamental importância para a Dialectologia brasileira. Mapeia áreas como: fonética, lexical, morfossintaxe, pragmática, questões metalinguísticas e discursos semidirigidos.

Assim, com dados do Atlas Linguístico do Brasil, Araújo e Aragão (2016) analisam *O apagamento de /d/ no morfema de gerúndio nas capitais brasileiras* situadas nas regiões Norte, Sul e Centro-Oeste.

As autoras fazem uso da teoria Sociolinguística Variacionista tendo como objetivo verificar como os fatores sociais (sexo, faixa etária, escolaridade e localidade) atuam na variação estudada. A amostra utilizada foi constituída por 96 informantes distribuídos em três regiões, sendo: Norte (Manaus, Belém, Macapá, Boa Vista, Porto Velho e Rio Branco); Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre); e Centro-Oeste (Goiânia, Campo Grande e Cuiabá).

Foram selecionados 08 informantes de cada localidade com escolaridade de até a 8ª série do fundamental e ensino superior completo, faixa etária (18 a 30 anos e 45 a 60 anos) e sexo (masculino e feminino).

Os resultados evidenciaram que: na Região Centro Oeste no total de 71 ocorrências apenas 20 (28, 2%) realizaram o apagamento enquanto que 51 (71,8%) optaram pela manutenção do /d/ no morfema do gerúndio. Sobre a variável que mais favoreceu o apagamento, foi o grau de escolaridade do informante, o qual pesou mais do que o seu sexo/gênero.

Em relação à Região Norte, de 124 ocorrências, 26 (21%) era da variante de apagamento e 98 (79 %) pertenciam à manutenção de /d/ no gerúndio; quanto ao fator social os informantes com menor escolaridade obtiveram 20 ocorrências (31,2 %), até o 8º ano do ensino fundamental II, favorecem, o uso do apagamento.

Quanto a sexo/gênero, as mulheres do Norte e do Centro-Oeste se mostram conservadoras, pois favorecem a manutenção de /d/, diferentemente dos homens que beneficiam a aplicação da variação.

Já as capitais da região Sul, contabilizaram 75 ocorrências, distribuídas da seguinte forma: 04 (5,3%) para o apagamento e 71 (94,7%) para a manutenção de /d/ no gerúndio.

Mediante o estudo ficou constatado assim, o predomínio da variante conservadora nas capitais analisada. Se comparadas, as do Centro Oeste são as que apresentam a maior taxa de

uso da variante não padrão, seguidas pelas da Região Norte, enquanto as do Sul apresentaram uma taxa baixíssima de apagamento de /d/ no morfema de gerúndio.

É importante salientar que o estudo não abrangeu as regiões em sua totalidade, apenas algumas capitais.

Mota e Souza (2004) investigam *A ausência do “d” no gerúndio com base nos inquéritos experimentais do projeto ALiB*. Na primeira etapa, as autoras analisam dados relativos às cidades baianas de; Jequié, Santo Amaro e Salvador.

Na segunda, foram utilizados dados de cidades das cinco regiões do Brasil no intuito de comparar os resultados, a saber: Belém (Pará), Imbituva (Paraná), João Pessoa (Paraíba), Marília (São Paulo), Niterói (Rio de Janeiro), Porto Alegre (Rio Grande do Sul), Recife (Pernambuco).

O *corpus* da pesquisa (1ª etapa) foi constituído de 12 inquéritos do ALiB realizados na Bahia. Distribuídos em duas faixas etárias, a primeira dos 18 aos 30 anos e a segunda dos 55 aos 65. Contemplaram ambos os sexos. Quanto à escolaridade, foram selecionados informantes até a 4ª série (hoje 5º ano do Ensino Fundamental I). Na etapa 2, há seleção de 4 informantes com nível superior.

Para obtenção dos dados, foram utilizados: o questionário fonético-fonológico, no qual há indução de respostas para obter determinada palavra, e o discurso semidirigido que consiste no relato de fatos da vida do informante.

Diante da análise dos dados, as autoras concluíram que os homens utilizaram mais a forma não padrão enquanto que as mulheres tendem a preservar a forma padrão.

O estudo constatou também que as duas formas (padrão e não padrão) se revezam no discurso. Quando mais formal, o informante tende a escolher a variante padrão (manutenção do /d/ no morfema do gerúndio) já na fala informal, prefere a variante não padrão (apagamento do /d/ no morfema do gerúndio), mostrando que há certa consciência do falante quanto à escolha da variante.

Em vista dos estudos citados comprova-se que a redução do gerúndio (apagamento da consoante d no morfema do gerúndio) é uma variação presente em regiões diversas do Brasil.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando mapear o fenômeno de redução do gerúndio na fala dos Amargosenses, a presente pesquisa, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, analisou o *corpus* composto por 12 entrevistas. A amostra utilizada faz parte do *corpus Acervo da Língua Falada na Cidade de Amargosa/ Elísio Medrado*, realizado no ano de 2017.

Para a constituição da amostra, decidiu-se pelo levantamento das 30 primeiras ocorrências em cada uma das 12 entrevistas; no entanto, em duas entrevistas só foram encontradas 19 ocorrências. Sendo assim, fez-se uma primeira rodada com 338 dados e uma segunda rodada igualando todos os dados ao menor número encontrado, ou seja, a 19.

Nesta seção, serão descritos os procedimentos metodológicos usados na análise do fenômeno.

4.1 A COMUNIDADE DE FALA

Embora a Teoria da Variação considere a realização linguística individual, seu interesse maior é a realização social. Os estudos sociolinguísticos buscam compreender o contexto social que a língua é usada, logo, a comunidade de fala, que compreende a participação num conjunto de normas compartilhadas por determinado grupo, a respeito da língua.

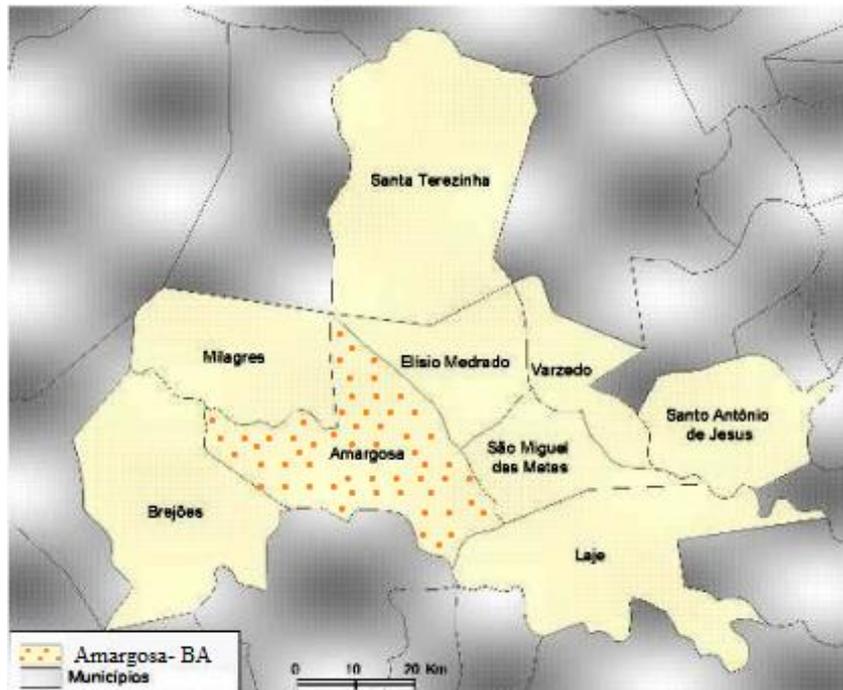
Nesse aspecto, “temos de olhar para os dados da fala cotidiana o mais perto e diretamente possível, e caracterizar seu relacionamento com as teorias gramaticais do modo mais acurado que pudermos, corrigindo e adequando a teoria para que ela se ajuste ao objeto visado” (LABOV, 2008[1972], p. 235-236).

Sendo assim, para desenvolver a pesquisa Sociolinguista é necessário obter amostra da fala espontânea. O pesquisador se vê no dilema de como obter esse vernáculo com entrevistas gravadas, já que sua presença influencia a realização da fala. Essa situação é conceituada por Labov (2008, p. 244) como “paradoxo do observador”. Segundo o autor, o problema pode ser sanado rompendo os constrangimentos da entrevista com pausas para que o vernáculo desponte ou com perguntas que recrie emoções fortes, porque a medida que o informante fala das experiências vividas, ele esquece que sua fala está sendo gravada e tende a monitorar menos.

Na próxima subseção serão discutidos, de forma breve, aspectos sócio-históricos da comunidade de fala pesquisada.

4.2 AMARGOSA (BA): ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS

Ilustração: Mapa da cidade de Amargosa- BA



Fonte: Adaptado da malha digital do IBGE. Concepção cartográfica: (LINS, 2007)

A cidade de Amargosa está situada no interior do estado da Bahia. Com população estimada em 37.031 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O município fica localizado a 235 Km da capital do estado, Salvador.

O território era habitado primitivamente pelos índios Sapuyás e Kariris até o final do século XIX. Esses grupos indígenas resistiram aproximadamente até 1884, quando foram presos e levados à Santa Cruz de Cabrália.

Inicialmente denominada de Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa, foi elevada a categoria de cidade em 18 de Julho de 1891, tendo reduzido a nomenclatura apenas para Amargosa. Esse topônimo originou-se pela existência abundante da pomba nativa, a Pomba-Amargosa (*Patagoneas Plumbea*), que devido a sua alimentação tinha a carne amarga.

Segundo Lins (2007), a cidade experimentou o ápice do seu desenvolvimento do final do século XIX até meados do século XX por meio da atividade cafeeira, impulsionado pela ferrovia, chegou a ter status de polo Regional.

Devido a essa importância econômica, a elite local buscava importar elementos da cultura europeia que é possível identificar, atualmente, na arquitetura da Catedral e do Jardim Lourival Monte. No que se refere à cultura, a parcela da população mais abastada tinha acesso a Bailes Carnavalescos, Filarmônica, Cine Teatro, Clube, dentre outros. Por esse motivo, ficou conhecida como *A Pequena São Paulo*.

No entanto, com o surgimento das rodovias, o qual propiciou a migração do polo comercial para outras cidades, e o enfraquecimento da cultura cafeeira culminou no processo de estagnação econômica da cidade.

Ainda segundo o autor, na década de 70, a pecuária leiteira foi inserida em alternância à atividade cafeeira. Atualmente, o setor primário é responsável pela renda da maioria da população, que pratica a agricultura de subsistência tendo como base o cultivo da mandioca somada com outras culturas como: banana, milho, feijão, cacau, laranja, dentre outras.

Outro setor que despontou em Amargosa foi o de serviço a partir do turismo cultural (déc. de 90) fomentado pela Festa Junina que chega a receber mais de cem mil visitantes durante os festejos que ocorre no mês de Junho; o que impacta de forma positiva a economia local.

Outro fator importante foi a implantação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), criada pela Lei 11.151 de 29 de julho de 2005, com sede em Cruz das Almas, sendo a primeira Universidade Federal no interior da Bahia, que se caracteriza como uma Universidade multicampi, e a cidade de Amargosa foi contemplada com o Centro de Formação de Professores (CFP), resultado de grande mobilização da população. O qual conta atualmente com 1.500 discentes e 150 docentes.

O Centro de Formação de Professores além de contribuir para que muitos amargosenses não precisem se deslocar até os grandes centros urbanos para estudar, propiciou que a cidade recebesse muitos visitantes, das regiões circunvizinhas ou de lugares mais distantes, seja para trabalhar ou estudar. Propiciando assim desenvolvimento econômico, social e cultural.

4.2 O CORPUS

O *corpus* dessa pesquisa foi composto por 12 entrevistas com duração de 40 a 60 minutos, totalizando 08:41 horas de gravação. As entrevistas seguiram o padrão de discurso semidirigido, induzindo o relato de experiências pessoais.

A amostra utilizada foi cedida pelo professor Gredson dos Santos, realizado no ano de 2017, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em componentes que o mesmo lecionava e foi intitulado *Acervo da Língua Falada na Cidade de Amargosa/ Elísio Medrado*.

Os informantes foram estratificados quanto ao: *sexo* (f: feminino/ m: masculino); a *faixa etária* (faixa I: de 25 à 44 anos/ faixa II: acima de 44 anos) e *escolaridade* (A: com até 05 anos de escolarização / B: 2º grau completo).

Em relação as entrevistas inicialmente cogitou-se utilizar as 50 primeiras ocorrências do fenômeno mas, durante a audição das primeiras entrevistas percebeu-se que não era possível devido a inexistência dessa quantidade, assim optou-se por 30 ocorrências.

Essa amostra foi utilizada para determinar aspectos da variação do gerúndio na comunidade estudada. Logo, é importante salientar que a variação linguística não é aleatória, pois, existem normas que a regem.

Diante disso, existem os condicionadores que são fatores que regulam e condicionam a escolha entre as variantes. Esses fatores condicionantes são divididos em dois grupos: internos ou externos a língua. O primeiro é chamado de condicionadores linguísticos (aspectos semânticos, classes de palavras) e o segundo, condicionadores extralinguísticos (escolaridade, sexo, faixa etária, região).

Os fatores condicionantes exercem função importante para a Sociolinguística Variacionista visto que:

É o controle rigoroso desses fatores que nos permitem avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) “rival (is)”. Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios a para a ocorrência das variantes em estudo (COELHO et al, 2015, p. 20).

Assim, a presente pesquisa selecionou condicionadores sociais e linguísticos que se presumiu serem favoráveis à redução do Gerúndio, pois, “as pressões internas, estruturais, e

as pressões sociolinguísticas agem em alternância [...] na mudança linguística”. (LABOV, 2008, p. 214)

Nessa pesquisa, considerou-se variável dependente e independentes. A variável dependente estudada foi a alternância entre ausência e presença da oclusiva /d/ no morfema do gerúndio -ndo. Enquanto que as variáveis independentes foram divididas em: linguística e social.

- As variáveis linguísticas foram:

i) extensão do vocábulo; D- dissílabo, T- trissílabo e P- polissílabo.

ii) contexto fonético antecedente; anterior média-fechada /e/, anterior média aberta /ɛ/, anterior alta /i/, central baixa /a/, posterior alta /u/, posterior média fechada /o/ e posterior média aberta /ɔ/.

iii) contexto fonético seguinte; oclusivas labiais (/p/, /b/), oclusivas alveolares (/t/, /d/), oclusivas velares (/k/, /g/), fricativas labiais (/f/, /v/), africadas (/tʃ dʒ/), nasal labial (/m/), nasal alveolar (/n/), lateral (/l/), fricativa alveolar (/s/, /z/), fricativa alveopalatal (/ʃ/, /ʒ/), fricativa velar (/x/, /ʁ/), central baixa /a/, anterior média aberta /ɛ/, anterior média-fechada /e/, posterior média aberta /ɔ/, posterior média fechada /o/ , posterior alta /u/, anterior alta /i/ e tepe (/r/).

- As variáveis sociais:

1) *sexo* (masculino e feminino);

2) *faixa etária*, dividida em faixa etária I (que compreende de 25 à 44 anos) faixa etária II (à cima de 44 anos);

3) *escolaridade* dividida em A (com até 05 anos de escolarização) e B (2º grau completo).

Algumas dessas variáveis não foram selecionadas pelo programa GoldVarb X (2005) como sendo favorecedora da variação em estudo, essa questão será abordada na Análise dos Dados.

4.3 O TRATAMENTO QUANTITATIVO

Para quantificar os dados foi utilizado o programa computacional GoldVarb X (2005), criado por Sankoff, Tagliamonte e Smith. Sobre a função do referido programa, Brescancini (2002, p. 25), afirma que; “De maneira geral, o que o programa faz é tomar um conjunto de

dados linguísticos e organizá-los, de acordo com a variável dependente, em ‘ambientes possíveis’ do ponto de vista linguístico e extralinguístico”.

A fim de obter resultados mais fidedignos possíveis, esse estudo seguiu os seguintes passos no tratamento dos dados: definiu as variáveis dependentes e independentes; audição cuidadosamente das entrevistas; transcrição de trechos com o fenômeno; codificação dos dados de acordo com fatores preestabelecidos (citados na subseção anterior); emprego da codificação para o programa computacional Goldvarb X (2005); interpretação dos resultados obtidos através do programa computacional supracitado.

Os dados obtidos estão representados em tabelas e analisados no próximo capítulo.

5 O APAGAMENTO DO /D/ NO MORFEMA DO GERÚNDIO NA COMUNIDADE DE AMARGOSA- BA

Este capítulo tem como objetivo apresentar alguns resultados referentes ao apagamento da oclusiva /d/ no morfema –ndo do gerúndio em Amargosa-Ba, à luz dos pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Os dados que serão apresentados nas seções subseqüentes diz respeito a duas rodadas no programa GoldVarb X (2005). Na primeira rodada (338 ocorrências) foram selecionados pelo programa os seguintes fatores: 1) linguístico; contexto fonológico anterior e 2) sociais; faixa etária, gênero/sexo e escolaridade. A segunda rodada com 228 ocorrências selecionou apenas os fatores sociais: faixa etária e sexo.

5. 1 ANÁLISE GERAL DA VARIANTE NO CORPUS

Os resultados demonstrados na *Tabela 1*, obtidos na primeira rodada do programa, evidencia o comportamento sobre a variável dependente de alternância entre ausência ou presença da consoante /d/ no morfema do gerúndio. Tal relação é enfatizada por Labov (2008, p.60): “um traço linguístico usado por um grupo A é marcado por contraste com outro dialeto padrão”.

TABELA 1

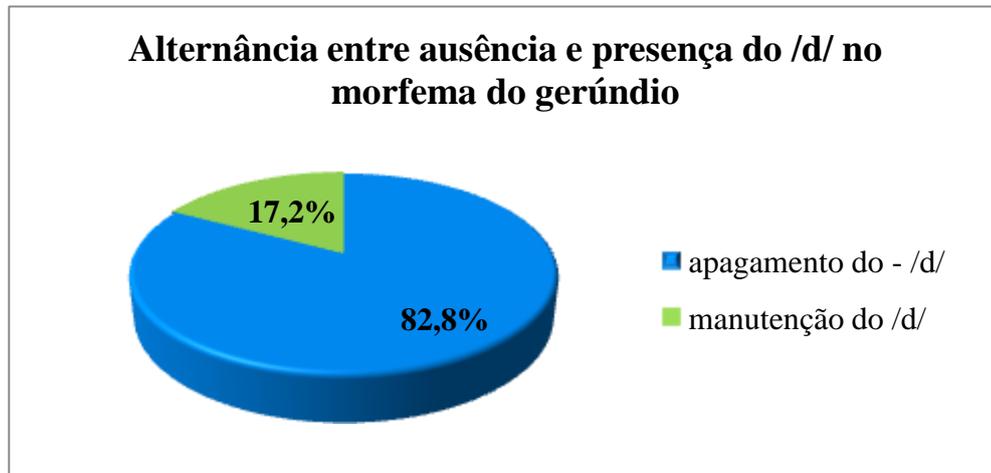
Distribuição das variantes no *corpus*

| Variantes | Nº/total | % |
|-----------|----------|------|
| /-d/ | 279 | 82.8 |
| /d/ | 58 | 17.2 |
| Total | 337 | 100 |

É possível observar na *Tabela 1* que, no total de 337 ocorrências, houve o apagamento da oclusiva /-d/ em 279 produções, perfazendo um percentual de 82,8 % versus 58 ocorrências de conservação da consoante /d/, percentual de 17,2 %.

Em termo de melhor visibilidade, o resultado obtido nos dados gerais do *corpus* será também demonstrado por meio do gráfico 1:

GRÁFICO 1



De acordo com o demonstrado na *tabela 1* e no gráfico 1 ocorreu a preferência pelo uso da variante não padrão na fala dos amargosenses. Esses dados comprovam a hipótese inicial: *É possível que a amostra evidencie a preferência dos falantes pela redução.*

O que está exemplificado nas construções abaixo (os informantes estão identificados com as iniciais e idade):

- 1) “*Já estou moranøo aqui mesmo*”. IV51
- 2) “*A gente ta vivenøo hoje uma realidade completamente diferente*”. BE40
- 3) “*Minha esposa ta estudanøo, voltou estudar*”. AR54
- 4) “*Eu gosto de ta interaginøo com as pessoas*”. AC34
- 5) “*As vezes to trabalhanøo chego em casa cansado*”. LU27
- 6) “*A gente foi crescenøo, quando a gente veio pra cá...*”. AT88

Trabalhos realizados no português brasileiro, como o de Borges (2008), em Catu-Ba demonstrou que a redução do gerúndio chega a 96,29% na amostra analisada; o de Mota e Souza (2004) que realizaram uma pesquisa nas cidades de Jequié, Santo Amaro e Salvador e constataram a preferência da variante não padrão (72%); e o de Ferreira (2010) em sua análise na comunidade riopretense (SP) que constatou também o emprego dessa variação, demonstram que a variante não padrão tem sido a mais usada (72%). Segundo Mollica (1992) esse fenômeno de variação (assimilação da dental sonora do gerúndio) é um processo que se encontra estável no português moderno. Estudo mais recente no interior da Bahia (Jacobina)

como o de Miranda (2013), aponta também a tendência ao apagamento do /d/ da forma padrão.

Mediante o exposto, é perceptível que os resultados obtidos na comunidade de fala amargosense estão em consonância com os estudos citados acima, revelando que os fenômenos de simplificação do gerúndio não é uma realidade isolada e específica do município estudado, e sim, uma variação que ocorre em regiões diversas do país.

5.2 ANÁLISE DA VARIÁVEL LINGUÍSTICA: CONTEXTO FONOLÓGICO ANTERIOR

Mollica e Mattos (1992), afirmam que; “O processo de assimilação 'ndo' > 'no' tem sua estabilidade controlada por diferentes fatores: sociais, estruturais, lexicais”.

Sobre as variáveis linguísticas, Mollica (2003) ratifica que o conjunto das variáveis internas diz respeito às características da língua em várias dimensões e refere a traços próprios dos falantes.

Em vista disso, esse trabalho se propôs investigar variáveis linguísticas que se presumiu ser favorável ao emprego do fenômeno, dentre eles o fator contexto vocálico antecedente. Os resultados encontrados estão apresentados na tabela abaixo.

TABELA 2

Resultados da variável contexto fonético antecedente em relação ao apagamento do -/d/ nos gerúndios em Amargosa-Ba

| Vogais | Apl./Total | % | P.R |
|-------------------------|------------|------|------|
| /a/ central baixa | 155/ 206 | 85 | 0.57 |
| /e/ anterior m. fechada | 84/ 105 | 80 | 0.42 |
| /i/ anterior alta | 19/ 25 | 76 | 0.22 |
| Total | 278/336 | 82,7 | |

Input 0.931; Log likelihood = -106.610 Significance = 0.040

Como é possível observar na *Tabela 2*, a vogal central baixa /a/, com percentual de 85% (P.R = 0,57), como em: *entran*∅o (entrando), *visitan*∅o (visitando), *to*can∅o (tocando), *cantan*∅o (cantando), é o contexto antecedente que mais favorece o apagamento da oclusiva /d/ no morfema do gerúndio. Já a vogal anterior média-fechada /e/ com 80 % (P.R = 0.42) e a anterior alta /i/ 76 % (P.R = 0.22) favorecem a manutenção da forma padrão. Comprovando

a hipótese para esse fator: *De modo hipotético acredita-se que no contexto anterior, ao morfema do gerúndio, a vogal central baixa /a/ favoreça a simplificação do gerúndio.*

Esse resultado é semelhante ao encontrado por Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), em que os seguimentos vocálicos têm os seguintes pesos relativos: /a/ = 0,53; /e/ = 0,52 e /i/ = 0,19. Isto posto, demonstra que a vogal /a/ é aliada a regra enquanto que a /i/ é um inibidor do apagamento.

Portanto, a vogal central baixa em contexto antecedente é a mais relevante à simplificação do gerúndio.

5.3 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS SOCIAIS: FAIXA ETÁRIA E SEXO

Embora a dimensão social não tenha sido abordada no estudo de Mollica e Mattos (1992), as pesquisadoras enfatizaram a relevância desse fator no processo de redução do gerúndio.

A variável faixa etária também é frisada por Bagno (2007), o qual descreve que os adolescentes não falam como seus pais, que por sua vez não falam como as pessoas de gerações anteriores, comprovando assim ser a faixa etária um fator importante à variação.

TABELA 3

Resultados da variável faixa etária em relação ao apagamento do /d/ nos gerúndios em Amargosa-Ba

| Faixa etária | Apl./Total | % | P.R |
|--------------|------------|------|------|
| Faixa II | 150/ 157 | 95,5 | 0.72 |
| Faixa I | 129/ 180 | 71,7 | 0.30 |
| Total | 279/ 337 | 82,2 | |

Input 0.931; Log likelihood = -106.610 Significance = 0.040

Na *Tabela 3*, nota-se o comportamento dos informantes de acordo com a faixa etária, na faixa II que compreende os informantes à cima de 44 anos foi obtido uma apagamento de 95,5% (P.R = 0.72) e a faixa I (informantes de 25 a 44 anos) houve 71,7% (P.R = 0.30) de apagamento da oclusiva - /d/ no morfema do gerúndio. Concluindo que a variação se deu de forma proporcional, os de mais idade favoreceram a forma não padrão.

Esse resultado é inverso ao das pesquisas estudadas: Ferreira (2010), Miranda (2013) que a aplicação da regra (redução do gerúndio) é inversamente proporcional à idade, quanto maior a idade menos o informante faz uso da redução.

Já Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) constataram em sua pesquisa que a faixa etária que mais propiciou o apagamento foi de 26 a 49 anos com percentual 87 % (P.R = 0.71) e não a de 12 a 25, refutando a hipótese inicial.

Em relação à divergência entre o resultado encontrado e os das pesquisas de Ferreira (2010) e Miranda (2013) é preciso salientar que a metodologia usada nos estudos citados não foi a mesma, uma vez que a divisão das faixas etárias diferem. Além de ser levado em consideração que cada comunidade de fala pode apresentar um comportamento linguístico específico. Sem contar que na amostra dessa pesquisa os informantes mais jovens tiveram mais anos de estudos, o que possivelmente tenha contribuído para realização da forma padrão.

No que diz respeito a variável sexo, Bagno (2007) reflete que homens e mulheres fazem uso diferente dos recursos da língua. Labov (2008), por sua vez, afirma que as mulheres são mais sensíveis a forma padrão, atribui o fato, de que o papel social da mulher é distinto dos homens. Tal aspecto foi verificado nessa pesquisa estando exposto na tabela seguinte (tabela 4).

TABELA 4

Resultados da variável sexo em relação ao apagamento do *-/d/* nos gerúndios em Amargosa-Ba

| Sexo | Apl./Total | % | P.R |
|-----------|------------|------|------|
| Masculino | 160/ 169 | 94,7 | 0.80 |
| Feminino | 119/ 168 | 70,8 | 0.19 |
| Total | 279/ 337 | 82,8 | |

Input 0.931; Log likelihood = -106.610 Significance = 0.040

Na tabela 4, pode-se observar que os homens empregaram de forma concludente a variação não padrão (*-/d/*), com percentual de 94,7 % e peso relativo de 0.80, as mulheres favoreceram a variante conservadora com emprego de 70,8 % (P.R = 0.19). O comportamento, no qual os homens tendessem mais a variável inovadora foi conjecturado, porém, o que chama atenção no resultado é a expressividade dos dados perfazendo um percentual de 94,7 %.

Tal relação é corroborada por estudos como: Ferreira (2010) atestando a proeminência da redução do gerúndio na fala masculina

Mota e Sousa (2004) concluíram que os homens utilizaram mais a forma não padrão enquanto que as mulheres tendem a preservar a forma padrão.

Almeida e Oliveira (2017) também reforçam os dados obtidos, neste trabalho, e por outros pesquisadores citados, de que os homens favorecem o apagamento da *-d/* no gerúndio. Com peso relativo de 0.61 de apagamento enquanto que as mulheres 0.39, revelando a tendência de este gênero manter a variante conservadora.

5. 4 ANÁLISE DA VARIÁVEL SOCIAL: ESCOLARIDADE

Segundo Bagno (2007) o acesso maior o menor a educação formal juntamente com a cultura letrada, a prática de leitura e escrita configuram um fator importante no comportamento linguístico do indivíduo. Razão pela qual esse estudo analisou essa variável, a qual está posta na tabela 5.

TABELA 5

Resultados da variável escolaridade em relação ao apagamento do *-d/* nos gerúndios em Amargosa-Ba

| Escolaridade | Apl./Total | % | P.R |
|-------------------------------|------------|-------|------|
| Com até cinco anos de estudos | 156/ 167 | 93, 4 | 0.68 |
| Ensino médio completo | 123/ 170 | 72,4 | 0.32 |
| Total | 279/ 337 | 82,8 | |

Input 0.931; Log likelihood = -106.610 Significance = 0.040

A *Tabela 5* apresenta os resultados da pesquisa quanto à escolaridade dos informantes; o primeiro grupo (com até 05 anos de estudos) representaram 93,4 % (p. r = 0.68) do apagamento do *-d/*, enquanto que o segundo grupo (ensino médio completo) 72,4 % (P.R = 0.32). Portanto o grupo com menor escolaridade beneficiou a norma não padrão.

Dados que estão em consonância com os estudos de Ferreira (2010) em relação ao fator de escolaridade o grupo com menor escolarização (1º ciclo do E. Fundamental) foi o que mais realizou o apagamento da consoante */d/*, com peso relativo 0.72, o variação foi sendo diminuída de acordo com o aumento da escolarização.

Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) ratifica que quanto menor a escolarização maior a possibilidade de haver o apagamento, sendo o 1º EF com 86% (P.R. = 0.72), o 2º EF, com 76% (P.R. = 0.57), o EM com 73% (P.R. = 0.48) e o ES com 49% (P.R. = 0.32).

Araújo e Aragão (2016) atestou que os informantes com menor escolaridade (0,79), até o 8º ano do ensino fundamental II, favoreceram, acentuadamente, o uso do apagamento.

Portanto, o resultado encontrado para o fator escolaridade confirma a hipótese: *É possível que haja mais ocorrências do fenômeno na fala dos informantes não escolarizados.*

5.5 FATORES SELECIONADOS NA SEGUNDA RODADA

Como já citado anteriormente, na amostra da primeira rodada não foi possível obter a quantidade de 30 ocorrência na entrevista de 2 informantes (sendo encontrada apenas 19). Afim de comparação foi realizada uma segunda rodada com 19 ocorrências cada, totalizando 228 dados.

Nessa rodada o programa Goldvarb X (2005) só selecionou fatores sociais; faixa etária e sexo.

Em termos de comparação as tabelas dessa rodada serão conjugadas com as da 1ª.

TABELA 6

Distribuição das variantes no corpus comparativo entre as rodadas

| 2ª rodada | | | 1ª rodada | | |
|---|----------|------|--|----------|------|
| Variantes | Nº/total | % | Variantes | Nº/total | % |
| /-d/ | 192 | 84.2 | /-d/ | 279 | 82.8 |
| /d/ | 36 | 15.8 | /d/ | 58 | 17.2 |
| Total | 228 | 100 | Total | 337 | 100 |
| <i>Input 0.922; Log likelihood = -73.479 Significance = 0.000</i> | | | <i>Input 0.931; Log likelihood = -106.610 Significance = 0.040</i> | | |

Como é visível na tabela 6, a segunda rodada, com quantidade de ocorrências igualadas, não revelou diferenças nos resultados. Sendo que a segunda análise exibiu 84,2 % de apagamento da oclusiva /-d/ no morfema do gerúndio em comparação a 82,8% da primeira rodada, demonstrando um comportamento similar.

TABELA 7

Comparação dos resultados da variável faixa etária em relação ao apagamento do -/d/ nos gerúndios em Amargosa-Ba nas duas rodadas

| 2ª rodada | | | | 1ª rodada | | | |
|------------------|------------|------|------|------------------|------------|------|------|
| F. etária | Apl./Total | % | P.R | F. etária | Apl./Total | % | P.R |
| Faixa 2 | 108/ 114 | 94,7 | 0.73 | Faixa 2 | 150/ 157 | 95,5 | 0.72 |
| Faixa 1 | 84/ 114 | 73,7 | 0.26 | Faixa 1 | 129/ 180 | 71,7 | 0.30 |
| Total | 192/ 228 | 84,2 | | Total | 279/ 337 | 82,2 | |

*Input 0.922 Log likelihood = - 73.479
Significance = 0.000*

*Input 0.931; Log likelihood = -106.610
Significance = 0.040*

Na tabela acima, referindo à faixa etária os números corroboram o resultado obtido anteriormente. Apontando que na segunda rodada a faixa etária 2 (informantes a cima de 44 anos) empregaram a redução num percentual de 94,7 % (P.R = 0.73) enquanto que na primeira rodada foi de 95,5 (P.R = 0.72).

TABELA 8

Comparação dos resultados da variável sexo em relação ao apagamento do -/d/ nos gerúndios em Amargosa-Ba nas duas rodadas

| 2ª rodada | | | | 1ª rodada | | | |
|------------------|------------|------|------|------------------|------------|------|------|
| Sexo | Apl./Total | % | P.R | Sexo | Apl./Total | % | |
| Masculino | 110/ 114 | 96,5 | 0.78 | Masculino | 160/ 169 | 94,7 | 0.80 |
| Feminino | 82/ 114 | 71,9 | 0.2 | Feminino | 119/ 168 | 70,8 | 0.19 |
| Total | 192/ 228 | 84,2 | | Total | 279/ 337 | 82,8 | |

*Input 0.922 Log likelihood = -73.479
Significance = 0.000*

*Input 0.931; Log likelihood = -106.610
Significance = 0.040*

Diante das informações expostas na *Tabela 8*, evidencia-se que não houve discrepância do fator sexo entre a primeira e segunda rodada. A segunda ocorreu elevação ínfima do percentual. Apresentando um índice de 96, 5% (P.R = 0.78) em semelhança com a primeira 94,7% (0.80). Em vista disso, é ratificado o resultado de que os homens empregam mais a forma não padrão.

5. 6 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO PROGRAMA

Ressalta-se que o programa Goldvarb X (2005) não selecionou (em nenhuma das rodadas) como fator favorecedor as variáveis: *extensão do vocábulo* e *contexto seguinte*, por consequência não sendo possível confirmar ou refutar as hipóteses: *É provável que no contexto seguinte, as consoantes que compartilham as mesmas propriedades fonéticas favoreçam o apagamento da partícula ndo > no; É provável que quanto maior a extensão da palavra, maior as chances de apagamento.* Sobre a extensão do vocábulo, Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) também constataram que essa variável não se mostrou significativa na pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral a pesquisa confirmou as hipóteses iniciais. Em relação à variável dependente estudada (à alternância entre ausência e presença da oclusiva /d/ no morfema do gerúndio –ndo), foi evidenciada, nas duas rodadas, a maior incidência sobre a ausência do /d/ no morfema (1ª: 82, 8% / 2ª: 84,2%), o que caracteriza que a comunidade de fala beneficiou a variante não padrão. Estando em consonância com os estudos de: Borges (2008); Mollica (1992); Mota e Souza (2004); Ferreira (2010) e Miranda (2013).

No que se refere ao contexto fonético antecedente os dados (85 % / P.R = 0.57) mostraram que a vogal central /a/ propicia o emprego da redução do gerúndio. Estando em conformidade com a pesquisa de Nascimento, Araújo e Carvalho (2013).

Tal característica também foi confirmada em relação a *gênero* (masculino e feminino), cujo resultado expressou o esperado, de que, os homens beneficiam a redução do gerúndio (1ª: 94,7% e P.R = 0.80 / 2ª: 96,5 e P.R = 0.78). Semelhantemente os dados obtidos por: Ferreira (2010); Mota e Sousa (2004); Almeida e Oliveira (2017).

Quanto à *escolaridade* (A- sem escolarização ou até o 5º ano do Ensino Fundamenta I / B- 2º grau completo) ficou constatado que o grupo A, com menor escolarização, empregou mais o apagamento (93,4 / P.R = 0.68). Mostrando conformidade com os estudos de: Ferreira (2010); Nascimento, Araújo e Carvalho (2013); Araújo e Aragão (2016).

Porém, como a amostra não contava com informantes de nível superior não se pode afirmar que quanto menor a escolarização maior a possibilidade de haver o apagamento.

Concernente a *faixa etária*, (faixa etária I: de 25 à 44 anos/ faixa etária II: acima de 44 anos) o resultado comprovou que a faixa etária II foi a que mais favoreceu a simplificação do gerúndio (1ª: 95, 5 % e P.R = 0.72 / 2ª: 94, 7 % e P.R = 0.73). Resultado distinto das pesquisas citadas nesse trabalho. Provavelmente isso se deva a relação entre menor escolaridade e maior idade, já que o primeiro privilegiou a simplificação do morfema do gerúndio.

No tocante a variante linguística de apagamento da oclusiva /d/ no morfema de gerúndio, Costa (2008) afirma que há ausência de estigmatização dessa variante em relação à padrão. Segundo a autora, uma variante vai ter prestígio se usada por um grupo social considerado superior, caso contrário, se empregada por grupos socialmente desfavorecidos será estigmatizada. Isto posto, supõe-se que essa variante não seja estigmatizada na comunidade amargosense. Contudo, os resultados dessa pesquisa não dispõem de elementos

para confirmar esse comportamento. Talvez necessite de outra pesquisa que considere a classe social que o informante está inserido.

No tocante ao fenômeno estudado, Labov (2008) reitera que existe na língua maneira alternativa de dizer a mesma coisa. No caso da redução do gerúndio, o autor fala que são pronúncias diferentes e conclui que há duas opções para essa variação na estrutura linguística: “1) as variantes pertencem a dois sistemas diferentes, e que a alternância é um exemplo de mistura dialetal; 2) diz-se que as variantes se encontram em ‘variação livre’ dentro do mesmo sistema” (LABOV, 2008, p. 221). Portanto, não há indícios que essa variação estudada ocasionará uma mudança na estrutura.

É importante salientar que esse é um estudo inicial sobre o comportamento dessa variante e que não foram esgotadas todas as proposições, e nem se tinha essa pretensão, visto a abrangência dessa variação linguística. Almeja-se que outros estudos complementares possam ser desenvolvidos, a fim de investigar novas hipóteses, ou as que não foram possíveis de serem respondidas nessa pesquisa. Pois “quanto mais se conhece uma língua, mais se pode descobrir sobre ela” (LABOV, 2008, p. 236).

Este trabalho pretende contribuir à comunidade linguística do curso de Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no intuito de mapear as variedades da língua na comunidade de fala amargosense.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ALMEIDA, Ayane Nazarela Santos de; OLIVEIRA, Alan Jardel de. **Você fala cantano?** Uma análise do apagamento de /d/ em gerúndios no falar de Maceió/AL. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 200-209, janeiro-junho 2017.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática e vocabulário**. 4. ed. São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982 [1920].

ARAÚJO, Aluiza Alves de; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **O apagamento de /d/ no morfema de gerúndio nas capitais brasileiras a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil**. Confluência, Rio de Janeiro, n. 50, p. 9-30, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6172656>> Acesso em: 06 agosto. 2019.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística** / Marcos Bagno, 15. ed. —

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007 [1961].

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é como se faz**. São Paul: Loyola 2007

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRESCANCINI, C. **A análise de regra variável e o programa Varbrul 2S**. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.) Fonologia e variação: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CALVET, Louis-jean. **Sociolinguística: Uma Introdução Crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, Roberto Gomes. “Sociolinguística - parte II”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Chistina (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteira**. 8ª.ed. São Paulo: Cortez, 2008, VI. 01.

CAMPOS, Odette G. L. Altmann de Souza. **O gerúndio românico: Estudo histórico-descritivo**. ALFA 18/19 (1972-1973), 383-402. São Paulo: USP. 1972.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Antecedentes e Estágio Atual**. Alfa, São Paulo, v.56, n.3, p.845-860, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COELHO, Izete Lehmkuhl et all. **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Geisa Borges Da. **Reflexos Pedagógicos da Simplificação do Gerúndio em Estudantes Do Ensino Fundamental**. Salvador: UFBA, 2008.

CUNHA, Celso. **Conservação e Inovação no Português do Brasil**. O Eixo e a Roda. Belo Horizonte, (5): p. 199-230. 1986.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: Uma Introdução ao Estudo das Línguas**. São Paulo: Parábola, 2007.

FERREIRA, Jesuelem Salvani. **O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto** - São José do Rio Preto: 2010.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que falamos, a língua que estudamos**. São Paulo. Contexto, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos** / William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. -São Paulo, Parábola Editorial, [1975] 2008.

LARA, Carlos Eduardo de Oliveira. **O Preconceito Às Anessas Na Linguagem: Um Estudo Da Variação Linguística Florianópolis**. UFSC, 2010.

LINS, Robson Oliveira, **A região de Amargosa: transformações e dinâmica atual (recuperando uma contribuição de Milton Santos)**. Salvador: UFBA, 2008.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. Cultrix. 2000. São Paulo.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARROQUIM, Mario. **A Língua do Nordeste (Alagôas e Pernambuco)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MARTELOTTA, Mário Eduardo ET all. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

MATTOSO, Camara Jr. Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 44 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

MIRANDA, Sueli Pereira da Silva. **O Apagamento da Dental Vozeada Oral /D/ Nas Formas em Gerúndio na Comunidade de Fala de Jacobina-Ba: análise variacionista**. Jacobina. 2013.

MOLICA, Maria Cecília; MATTOS, Paula Barreto de. **Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista.** Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, ano 1, v.I, S3-64, jul./dez. 1992.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação. IN **Introdução a sociolinguística: O tratamento da variação.** Editora Contexto; 4 ed. 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina Bentes. **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

NARO, Anthony Julius in MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, Katiene Rozy Santos do Nascimento; ARAÚJO, Aluiza Alves de Araújo; CARVALHO, Wilson Júnior de Araújo. **A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista.** Veredas atemática. Volume 17 nº 2 – 2013.

PETTER, Margarida. **Linguagem, Língua, Linguística.** In FIORIN, J. L. Introdução à Linguística. Editora Contexto. São Paulo: 2010.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonologia: por uma análise integrada à Morfologia e Sintaxe.** Belo Horizonte. FALE/ UFMG. 1996.

SIMÕES, José da Silva. **Sintaticização, Discursivização e Semanticização das orações de gerúndio no Português Brasileiro.** Universidade de São Paulo São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. 2007.

SOUZA, Lorena Nascimento de; MOTA, Jacyra Andrade. **A ausência do “d” no gerúndio com base nos inquéritos experimentais do projeto ALiB.** Hyperion, n. 7, não paginado, 2004.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo. Editora Ática, 2011.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa.** (Tradução de Celso Cunha). 2007 [1982]. São Paulo Martins fonte.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática.** São Paulo: Cortez, 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para teoria da mudança Linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1975].

ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA DO (A) ORIENTADOR (A)

| |
|---|
| DISCENTE: Edilane Almeida Bitencourt |
| ORIENTADOR(A): Prof. ^a Ayane Nazarela Santos de Almeida |
| DATA DA APRESENTAÇÃO: 13/12/2019 às 19h mód. 06 |
| TÍTULO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: O APAGAMENTO DO /D/ NO MORFEMA DO GERÚNDIO NA FALA DOS AMARGOSENSES |

Ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Letras

Informo, para fins de homologação, que o(a) estudante Edilane Almeida Bitencourt realizou as correções sugeridas/solicitadas pela banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) supracitado, podendo ser considerado como versão final. Declaro, ainda, que estou de acordo com a homologação do referido TCC.

Por ser verdade, firmo a presente.

Professor(a)-Orientador(a)

SIAPE 2414630

Amargosa, 28 de fevereiro de 2020.